

ELIANE CRISTINA GOZZI TOZZO

A ARTE DE EDUCAR: SISTEMA EDUCATIVO
ELABORADO POR DOM BOSCO

CAMPINAS

1999

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Eliane Cristina Gozzi Tozzo

**A Arte de Educar : Sistema Educativo Elaborado por
Dom Bosco**

Trabalho exigido para efeito
de conclusão do Curso de
Pedagogia da Faculdade
de Educação da UNICAMP
sob orientação da Prof.
Maria Evelyn P. do Nascimento.

Campinas

1999

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC
	T639 e
V:	FX:
TOME	116
PROC	124/03
C:	D: X
PREÇO	11,00
DATA	31/10/03
Nº CPD	Bib. 311035

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

T639a

Tozzo, Eliane Cristina Gozzi.

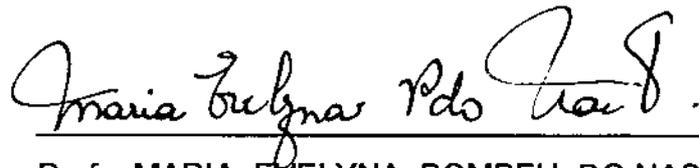
A arte de educar : sistema educativo elaborado por Dom Bosco / Eliane Cristina Gozzi Tozzo. -- Campinas, SP : [s. n.], 1999.

Orientador : Maria Evelynna Pompeu do Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bosco, João, Santo, 1815-1888. 2. *Sistema educativo. 3. Salesianos - Educação. I. Nascimento, Maria Evelynna Pompeu do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Data da Aprovação ___/___/___

Banca Examinadora:



Profa. MARIA EVELYNA POMPEU DO NASCIMENTO
orientador

Prof. ZACARIAS PEREIRA BORGES

2º. leitor

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo deixar registrado os meus agradecimentos. Essas pessoas, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que eu chegasse até aqui, ao final do curso.

Em primeiro lugar quero deixar o meu carinho todo especial ao meu marido, Edivaldo, e aos meus filhos Tiago e Juliana, que ao longo desses anos privaram-se de minha companhia, nos momentos em que eu me dedicava aos estudos.

A seguir quero deixar meus agradecimentos à minha família, em especial à minha mãe Isabel e à minha sogra (segunda mãe), Zélia, que me ajudaram em tarefas caseiras, que não tinha tempo de cumprir.

À minha orientadora, Prof. Maria Evelyn Pompeu do Nascimento, que sempre esteve pronta a me atender.

Quero também agradecer ao Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, que abriu suas portas para a realização de meu estágio, e de onde surgiu o interesse no presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Enfim, à todas as pessoas que me ajudaram o meu "muito obrigada".

“... os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos”.

Rubem Alves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1- SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA-POLÍTICA DA ÉPOCA.....	5
2- DOM BOSCO: VIDA E OBRA	
2.1 - A Infância.....	12
2.2 - O Sonho.....	14
2.3 - Os Estudos.....	16
2.4 - O Sacerdócio.....	20
2.5 - O Escritor e o Editor.....	30
3- OS SALESIANOS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL.....	32
4- O SISTEMA EDUCATIVO DE DOM BOSCO.....	41
4.1 - Os Inspiradores.....	42
4.2 - Princípios e Fins.....	44
4.2.1 - A Religião.....	47
4.2.2 - A Razão.....	50
4.2.3 - A Amorevolezza.....	52
4.3 - A Prática.....	54
4.4 - O Castigo.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Ao me reportar a um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, veio à minha mente a idéia da necessidade de trabalhar sobre algum assunto que fizesse parte do meu cotidiano e que trouxesse para mim um acréscimo a mais na minha formação profissional.

Trabalhando há seis anos na rede municipal de ensino de Campinas como professora de pré-escola, o meu interesse direcionava-se para esta área. O tema surgiu ao reencontrar a minha sempre e inesquecível primeira professora, a qual não a via há mais de vinte e cinco anos.

Este encontro fez recordar minha entrada no espaço escolar. Com seis anos fui matriculada numa escola que funcionava nas dependências da Igreja Nossa Senhora das Graças, mais conhecida como igreja da Vila Nova. Tal escola já fechada, estava se perdendo no tempo, lembrada às vezes por moradores da região, em reuniões da igreja, em conversas de comadres ou rezas, mas não havia nada documentado para ser guardado por longos tempos. Foi aí que veio a preocupação em fazer o resgate histórico da escola.

Comecei a trabalhar nesse tema, procurando indícios da existência da mesma. O primeiro passo foi entrar em contato com a professora Jane para conseguir dela algum material que pudesse ajudar-me na reconstrução histórica da escola. Posso dizer que passei momentos muito agradáveis na presença dessa estimável professora, olhando fotos e mais fotos, recordando uma parte do meu passado.

Mas só as fotos não bastava para tornar concreto o meu trabalho. Havia a necessidade de documentos ou mais depoimentos referentes a época. Procurei então o SESI que manteve a escola durante sua existência (1958/1976). Fui muito bem recebida pela Cleide, no setor de educação, a qual permitiu-me verificar o arquivo-morto da instituição, porém sem resultado. A explicação pela falta de documentação referente a esta época parte do fato de que, o período em questão, não possui ainda uma legislação que contemplasse a pré-escola. Durante as visitas alguns dados foram

acrescentados ao meu trabalho, mas nada que pudesse engrandecê-lo. Por falta de material para embasá-lo precisei mudar o tema. Posso dizer que não foi um esforço em vão, pois pude relembrar por um breve período, bons momentos da minha infância.

A busca de um segundo tema não foi difícil. O interesse surgiu ao iniciar o estágio, na parte da pré-escola, numa instituição privada, quando tive contato com a proposta pedagógica da escola, que possui todo um sistema educativo desenvolvido a mais de um século e meio de história.

Estagiando atualmente no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, uma instituição privada com fins filantrópicos, somente agora me dei conta da grandiosa obra que foi alicerçada por Dom Bosco e que foi sendo desenvolvida, pelos salesianos, ao longo desses anos.

Quando, no parágrafo anterior, fiz uso da palavra “agora” quis dizer, implicitamente, que o meu contato dentro da comunidade salesiana já vem de alguns anos atrás, quando participava de Encontro de Adolescentes, mas foi dentro do âmbito educacional que realmente tive acesso ao fio norteador da filosofia salesiana, da sua Pedagogia.

Ao pesquisar nos livros sobre a vida de Dom Bosco, percebi claramente, entre linhas, como foi sendo construído, paulatinamente, seu sistema educativo. Foi a maneira de pensar deste idealizador, mais sua história de vida, que trouxe até nós um sistema simplicíssimo¹, assim definido por ele, mas de grande valor.

Deste modo, inserida no contexto salesiano, pude ao mesmo tempo estudar a sua pedagogia e verificar na prática como ela estava sendo aplicada, junção esta de grande importância para mim, pois além do conhecimento adquirido, permitiu que eu fizesse uma análise da minha própria prática pedagógica².

Escritos do próprio autor quase não se encontram. As fontes a que tive acesso foram escritas, na sua grande maioria, dentro da visão da

¹ Termo utilizado por Dom Bosco em uma entrevista ao Journal de Rome(1884). MODESTI(1984), pág. 28.

² A análise não consta neste trabalho pois não é objetivo do mesmo.

igreja católica, e talvez por esse motivo, ao longo do meu trabalho, pode-se perceber um certo tom louvatório à Dom Bosco. A procura sobre o trabalho de Dom Bosco em livros de História da Pedagogia e Filosofia foi quase em vão.

Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise profunda sobre as raízes filosóficas de Dom Bosco nem sobre as influências pedagógicas de seu tempo. Fica aqui registrada essa idéia para temas de futuros Trabalhos de Conclusão de Curso.

O trabalho foi dividido em quatro partes: 1) A situação sócio-econômica-política da época; 2) Dom Bosco: vida e obra; 3) Os salesianos na América Latina e no Brasil; 4) O sistema educativo de Dom Bosco.

Na primeira parte procuro situar Dom Bosco no tempo e no espaço para que haja um melhor entendimento da sua escolha de vida, do trabalho desenvolvido por ele e para que o leitor entenda quem eram e de onde vinham seus meninos.

A segunda parte faz uma síntese da vida e obra de Dom Bosco, desde a sua infância até o cumprimento do sacerdócio. Procura mostrar o porquê da opção pelos meninos pobres, o porquê da escolha de sua maneira de trabalhar com eles e as dificuldades que enfrentou para realizar seus sonhos.

A seguir, a terceira parte mostra como os salesianos chegaram à América Latina e ao Brasil e quais eram seus objetivos, e para completar, na quarta parte, escrevo sobre o sistema preventivo de Dom Bosco, propriamente dito.

Não tome este como o universo de informações à respeito da vida e obra de Dom Bosco. Aqui, posso dizer que, é um pequeno enunciado da vida deste grande homem, que ao meu ver, foi um “revolucionário” em seu tempo, ao permitir uma educação voltada para a liberdade do educando, longe de ser autoritária e fechada. Educação esta que não seguia os modelos daquele tempo, onde o método predominante era o regimental, isto é, aquele que dava ênfase a disciplina, o cumprimento do regulamento, ao silêncio. Ao

contrário, Dom Bosco priorizou o sujeito a educar e conseguiu fazer de seu sistema uma arte: **a arte de educar**.

1 - A SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA-POLÍTICA DA ÉPOCA

Para entender a estruturação do sistema educativo de Dom Bosco convém fazer um breve enunciado do contexto sócio-econômico-político do século XIX na Europa e na Itália, o qual muito incidiu na trajetória de sua vida e de sua pedagogia.

Antecipando algumas décadas nesta história temos, no final do século XVIII, mudanças significativas acontecendo na Europa. Em 1789 estoura, em Paris, a Revolução Francesa. O princípio desta revolução está no lema "liberdade, igualdade e fraternidade", que explode na voz do povo e da burguesia. Este grupo da sociedade reivindica seus direitos, contestando os privilégios da nobreza e do alto clero.

Logo após o triunfo da burguesia nota-se que os ideais passam a ser apenas os de interesse desta classe.

O povo, que possui toda uma história de "submissão" datando desde a Antiguidade, passando pela época feudal, agora se vê novamente nesta mesma situação.

Paralelamente, a classe popular e os camponeses faziam uma "revolução paralela". De 1792 a 1794, tal revolução ganha espaço, tomando assim o poder. Os representantes populares tomaram a frente da nação, tentando transferir a "revolução da liberdade" em "revolução da igualdade".

Atrocidades foram cometidas neste período:³

- 1792 - grupos populares armados invadem as prisões repletas de aristocratas e de supostos conspiradores. Massacraram mais de mil pessoas;

- 1793 (janeiro) - o rei foi declarado réu de traição e acaba sendo guilhotinado. Neste mesmo ano, atribuiu-se o delito de traição a todas as pessoas "suspeitas" de serem inimigas da revolução. Em outubro os condenados à guilhotina foram 177; em julho do ano seguinte, 1.285.

³ BOSCO, Terésio (1993), pág. 22-23.

Neste período ocorreu uma profunda “descristianização” com a tomada de algumas medidas: proibição do culto católico, fechamento das igrejas, destruição dos símbolos cristãos, perseguição aos sacerdotes, substituição do culto a Deus pelo “culto à Razão”.

Em 1794, o período de domínio popular termina, e os chefes acabam sendo condenados à morte: Robespierre, Saint Just, Couthon. Novamente a revolução torna a ser burguesa, cabendo a direção do país, aos grandes proprietários.

Em 1796 Napoleão Bonaparte invade a Itália. De lá absorve dinheiro e soldados de todas as partes. Estes servir-lhe-ão na guerrilha da Espanha e na Rússia. Porém, na guerrilha contra a Rússia, Napoleão tem a sua grande derrota, com um número elevado de vítimas: 600.000 homens, dentre os quais 25.000 italianos (sem contar os 20.000 liquidados na Espanha).

De 16 a 19 de outubro de 1813, nas planícies de Leipzig, a “batalha das nações” põe fim no Império francês.

A Europa e a Itália encontram-se em ruínas e com órfãos...

Em 1814 acontece, em Viena, o Congresso das nações vencedoras, marco do início do período denominado “Restauração”.

Neste período os reis, que perderam seus tronos na revolução, voltam aos seus palácios por decisão do Congresso. Vítor Manuel retorna à Turim. O governo passa, então, a contar com a estrutura tradicional da monarquia: nobreza, clero e exército.

O clero passa a ter grande influência no novo regime, havendo acentuada presença eclesiástica no mundo político e cultural.

Divide-se a Itália em oito partes: *“o Reino da Sardenha (Piemonte, Sardenha, Sabóia, Nice, designando-lhe também como “anexa” a república de Gênova), o Reino Lombardo-Vêneto (estritamente submetido à Áustria), o Ducado de Módena, o Ducado de Placência, o Grão-Ducado da*

Toscana, o Principado de Luca, os Estados Pontíficos e o Reino das Duas Sicílias”.⁴

Durante a década de 1820 houve movimentos em quase todos os Estados italianos, com teor nacionalista. Estes movimentos, organizados por sociedades secretas, lutavam contra a restauração rígida e reacionária dos príncipes. Essas revoltas liberais e nacionalistas foram sufocadas internamente, mas com apoio externo, principalmente da Áustria.

1820 - No reino de Duas Sicílias, um pequeno esquadrão da cavalaria clama "Viva a liberdade e a Constituição". Em oito dias, Fernando de Nápolis concede a Constituição de Cádiz⁵, para não perder o reino.

1821 - Vítor Manuel renuncia, quando uma revolta pede pela Constituição. Assume Carlos Alberto, com 23 anos. Em 13 de março assina a Constituição de Cádiz, em meio a pressão de uma multidão. Seu pai, Carlos Félix, ao saber do acontecido, faz seu filho renunciar à "regência" e assume o trono.

Carlos Félix seguia as idéias do rígido absolutismo. A instrução pública foi confiada ao clero; a censura dos livros à Cúria de Turim e aos bispos; impôs nas escolas um regime severo, o ensino cotidiano do catecismo, a prece antes e depois das aulas. Foi neste tipo de instituição que Dom Bosco estudou em Chieri.

Em 1831, com a morte de Carlos Félix, assume novamente Carlos Alberto, mas desta vez, com ideais estritamente absolutistas.

No Piemonte, o desenvolvimento tanto agrícola como das indústrias era uma realidade. A agricultura supera seus tempos de decadência: espalha-se a cultura da amoreira, cânhamo, videira e batata. Abrem-se minas de ferro, desenvolve-se a indústria de cerâmica. A região de Bicela torna-se a sede de florescente indústria. Desenvolve-se, também, a fiação.

⁴ Op. cit.,pág. 25. Ver mapa em Anexo 15.

⁵ Constituição de Cádiz: feita em Cádiz, na Espanha, em 1820, e era uma "lei que garantia a todas as pessoas as principais liberdades e o direito do voto. À observância da Constituição obrigava-se também rei, mediante juramento". BOSCO, Terésio, 1993, pág. 74.

Nesta época, portanto, era valorizada a autoridade do rei e a religião, não redutível aos limites da razão humana. Este governo deu uma forte orientação religiosa e clerical ao seu governo, pois acreditava ser a religião a base e o complemento de toda instituição política. O clero inspecionava as escolas e mantinha o monopólio do ensino público.

Existiam duas correntes, se assim pode-se chamar - a do "conservadorismo católico" - que dominou até 1848 e a do "liberalismo católico" - que circulava na surdina. Este último reconhecia a validade dos princípios da Revolução. Dom Bosco mostrou-se mais inclinado pelas idéias conservadoras.

1833 e 1834 - os mazzinianos tentam desencadear revoltas em Turim e em outras cidades do Piemonte, com o objetivo de proclamar a república.

O rei Carlos Alberto, aos poucos, inclina-se em direção aos liberais moderados.

1846 - o cardeal Mastai-Ferreti é eleito papa e recebe o nome de "Pio IX". Por ser um homem piedoso e simples, possuidor de profundo senso de humanidade, coloca em prática algumas reformas esperadas, as quais, por equívoco, são vistas como "reformas liberais".

Os liberais passam a acreditar que é o papa Pio IX quem realizará a unificação e a independência da Itália em atmosfera liberal. Em 1848, o papa esclarece o equívoco.

1848 - explode em toda a Europa a revolução. O movimento tinha presente três elementos principais: *"as correntes liberais que se batiam por instaurar sistemas constitucionais e representativos em lugar do absolutismo; a aspiração de cada nação a se independentizar do império austríaco; os movimentos operários que lutavam por uma justiça social maior".*⁶

Na Itália, a maior força está nos liberais, que querem a Constituição e nos patriotas, que visam a independência da Áustria.

⁶ BOSCO, Terésio (1993), pág. 221.

Em 4 de março Carlos Alberto firma o Estatuto, cessa o poder absoluto do rei e começa o regime parlamentar.

No dia 24 de março, o Rei, o príncipe e 60.000 homens partem em batalha contra a Áustria, pela libertação da Itália. A seguir, outros grupos juntam-se a ele com o mesmo objetivo.

O papa, perante os acontecimentos, colocou-se como ministro da paz e não da guerra. Dom Bosco, ao contrário de outros padres que trabalhavam com a juventude(P. Cocchi e o P. Ponte), manteve-se fiel ao papa, sem nenhuma ligação com partidos. Esse caminho permitiu a expansão de sua congregação.

Em 9 de agosto, Carlos Alberto vendo que não tinha condições de continuar, põe fim as esperanças. Por fim, patriotas foram mortos , operários voltaram trabalhar em jornadas de 12 horas, as Constituições liberais foram ab-rogadas quase em toda parte, permanecendo o Estatuto, no Piemonte.

Permeava no ar um anticlericalismo, uma revolta contra os padres, e Dom Bosco acreditava que o povo era contra os padres não pela omissão deles na guerra contra a independência , mas pela maioria não ser do povo. Surge, então, a preocupação de formar novos sacerdotes vindos da classe proletária.

1849 - Nova guerra, nova derrota e a conseqüente abdicação de Carlos Alberto. Assume o seu lugar Vítor Manuel II. O seu governo toma um rumo diferente em relação ao anterior: aboliu a Companhia de Jesus e estabeleceu o controle da estatal das escolas, tirando o controle das mãos do clero.

1852 - Nomes como Mazzini e Garibaldi, que lutaram nas revoltas liberais, retornam para liderar o movimento de unificação italiana.

A Itália era quase que totalmente um país ocupado:

- o Reino da Lombardia-Veneza e os ducados de Parma, Módena e Toscana eram dominados pela Áustria;

- o Reino das Duas Sicílias (ou de Nápoles) era ligado à Dinastia de Bourbons;
- os Estados Pontifícios, à Igreja Católica;
- o Reino da Sardenha-Piemonte era o único livre e independente.

Foi justamente este último reino que liderou o processo de unificação. O primeiro-ministro, Camilo Cavour, assumiu suas funções em 1852, e começou a desenvolver todo um trabalho visando a unificação. Cavour procurou desenvolver internamente o Reino, buscando independência econômica e comercial. Negociou o apoio da Inglaterra e França na luta contra a Áustria.

O conflito Sardenha-Piemonte e França contra a Áustria iniciou em 1859 com a vitória dos primeiros e a anexação da Lombardia. Movimentos também explodiram em Módena, Parma e Toscana, que resolveram se unir à Sardenha-Piemonte.

Garibaldi liderou a luta da libertação de Nápoles do domínio dos Bourbons. Vencido o conflito, o antigo Reino decidiu anexar-se, também, à Sardenha-Piemonte.

Em 1861, Emanuel II é proclamado rei da Itália.

Em relação aos Estados da Igreja e de Veneza, de posse da Áustria, Garibaldi tentou conquistar, mas sem êxito. Veneza foi anexada em 1866, com a derrota da Áustria diante da Prússia, enquanto Roma foi conquistada com o fim do apoio militar de Napoleão III, em 1870. Apesar da unificação, o problema com a Igreja Católica continuou, pois o papa Pio IX se recusava a aceitar a anexação de Roma. O problema só foi resolvido em 1929, com a criação do Estado do Vaticano, acertado entre Mussolini, Emanuel III e Pio XI.

Devo ressaltar que dentro deste contexto, paralelamente à ele, ocorreu um outro "movimento" denominado Revolução Industrial. Apesar de ter iniciado na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, chega à Itália em meados de 1817, mas de maneira singela, consolidando apenas em 1870.

Apesar da lentidão, trouxe consequências sérias à população: jornada de trabalho de aproximadamente 13 horas, más condições de trabalho, baixos salários, falta de leis trabalhistas, exploração de mão-de-obra infantil e feminina, alto aluguel e conseqüente sub-moradias, miséria e chegada de migrantes.

Em relação a este último item os dados abaixo mostram como foi significativa a migração das montanhas, região agrícola, para os centros. As estatísticas são da cidade de Turim⁷:

1838 - 117.072 habitantes

1858 - 179.635 habitantes

1861 - 204.715 habitantes

Esses migrantes vindos dos campos tinham suas tradições, suas crenças, sua devoção. Ao chegarem à cidade, essa religiosidade popular perdia-se em meio à vida promíscua, as explorações, as longas jornadas de trabalho lá encontradas.

Nesse meio estão os jovens explorados, vítimas de vícios e da delinquência, e que são vistos, com frequência, vagueando pela cidade e arredores. São justamente estes jovens, frutos de uma sociedade "desumana" e "desigual" que serão os primeiros com quem Dom Bosco se preocupará.

Em meio a toda essa situação político-social-econômica e suas desfavoráveis consequências, sentia-se, então, a necessidade de promover a reintegração desses jovens à sociedade.

É neste contexto que Dom Bosco nasce, cresce, torna-se sacerdote e constrói sua Congregação.

⁷ SCARAMUSSA, T. "O Sistema Preventivo de Dom Bosco", (1984), pág. 23.

2 - DOM BOSCO: VIDA E OBRA

2.1 - A Infância

Giovanni Melchior Bosco, João Bosco ou como é mais conhecido Dom Bosco⁸, nasceu no dia 16 de agosto de 1815 num lugarejo denominado Becchi⁹(hoje conhecido por Colle Don Bosco), nas colinas do Monferrato, no Piemonte¹⁰, Itália.

Os Becchi *“eram dez casas plantadas por sobre uma colina, imersa em campos ondulados e vastos. Vinhedos e matas. Faziam parte do distrito de Murialdo, a cinco quilômetros de Castelnuovo d’Asti, sede do município, na faixa norte da região de Monferrato”*¹¹.

De família modesta, filho dos camponeses Francesco e Margherita Occhiena, João Bosco teve uma infância muito difícil.

Ficou órfão de pai aos dois anos de idade e teve na sua mãe o exemplo de uma mulher religiosa, trabalhadora e pronta a ajudar quem necessitasse.

Em sua modesta casa¹² moravam cinco pessoas: a mãe Margarida; sua avó paterna; e os irmãos Antônio de 9 anos, filho do primeiro casamento de seu pai, José, de 4 anos e ele, João.

Em 1817 as colinas de Monferrato e toda a região, passaram por uma dura crise. Toda a colheita havia se perdido.

Desde pequeno aprendeu a seguir os passos da mãe, ajudando-a e a quem lhe pedisse ajuda.

Aos quatro anos o seu primeiro trabalho: *“sua mãe lhe põe nas mãos as primeiras três ou quatro varas de cânhamo macerado para*

⁸ Ver Anexo 1.

⁹ Ver Anexo 2.

¹⁰ Ver Anexo 3.

¹¹ BOSCO, Terésio., “Dom Bosco uma biografia nova”, ed. salesiana Dom Bosco, 1993, SP, pág. 20.

¹² Ver Anexo 4.

*desfiar*¹³. Começa a contribuir, mesmo de maneira simplória, com a sua família.

Mais tarde juntou-se aos irmãos para ajudar nos serviços de casa: buscar lenha e água, varrer os quartos, limpar o estábulo, levar as vacas para pastar...

Apesar de ajudar sua família, sobra tempo para suas brincadeiras de garoto. Espaço tem e muito.

A partir dos oito anos, João começa a trabalhar no campo. Aprende a capinar, foiçar, ordenhar.

Sempre gostou da presença dos amigos, e de alguma maneira passava uma mensagem religiosa à eles.

Assim que aprendeu a ler, uma das distrações nas noites de inverno, era a leitura de livros para seus amigos. No verão, este tipo de encontro já não era interessante. Por algum tempo João treinou "prestidigitação" e aos onze anos dava saltos mortais, andava com as mãos, marchava e dançava na corda. Passou a dar espetáculos, e aos poucos o público vai aumentando. Antes do término do espetáculo costumava rezar o terço ou repetia o sermão ouvido de manhã na igreja. O pagamento que pedia ao público era a oração.

Em 26 de março de 1826, João fez a primeira Comunhão na igreja paroquial de Castelnuovo.

Nota-se que, apesar da infância pobre, João foi feliz¹⁴, tendo como ponto de apoio sua mãe.

¹³ Ídem, pág. 32.

¹⁴ Esta afirmação encontra-se em BOSCO, T.(1993), pág. 39.

2.2 - O Sonho

Aos nove anos João Bosco teve um sonho, o qual de uma certa forma, acaba direcionando sua vida. O próprio autor do sonho escreve:¹⁵

“Aos nove anos tive um sonho que me ficou profundamente gravado na mente por toda a vida. Dormindo, pareceu-me estar perto de casa, num terreiro, bem amplo, onde brincava uma multidão de meninos. Alguns riam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, arremessei-me logo contra eles, com socos e palavras, para fazê-los calar.

Apareceu, então, um Homem venerando, vestido com apuro. O rosto era tão luminoso que não podia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e me disse:

- Não é com pancadas, mas com mansidão e caridade que haverás de conquistar esses teus amigos. Põe-te, portanto, a falar-lhes já da fealdade do pecado e da preciosidade da virtude.

Confuso e espantado, respondi que eu não passava de um menino pobre e ignorante. Nesse momento, os meninos, interrompendo as brigas e a gritaria, reuniram-se todos ao redor de quem estava falando. Quase sem saber o que estava dizendo, perguntei:

- Quem sois vós, que me mandais coisas impossíveis?

- Sois o Filho dAquele que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia. Meu nome, pergunta-o a minha Mãe.

Vi, então, a seu lado uma Senhora de aspecto majestoso, revestida de um manto resplandecente como o sol. Vendo-me confuso, acenou-me para que me aproximasse. Tomou-me com bondade pela mão:

- Olha! disse.

¹⁵ Texto retirado do livro: BOSCO, Teresio. “Dom Bosco”, coleção Heróis no. 1, Editorial Dom Bosco, SP, 1976, pág. 4-5.

Ao olhar percebi que aqueles meninos todos haviam fugido; em seu lugar vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e vários outros animais.

- Eis o teu campo, em que deverás trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto: e o que agora vês acontecer com estes animais, o farás pelo meus filhos.

Voltei, então a olhar, e vi que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos mansos cordeirinhos, que, saltitando, corriam e bailavam, como para fazer festa àquele Homem e àquela Senhora.

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar e pedi àquela Senhora que falasse claro, porque não sabia o que me queria dizer.

Então, ela pôs-me a mão na cabeça, dizendo-me:

- A seu tempo, tudo compreenderás.

Mal havia pronunciado essas palavras, um ruído me acordou, e tudo desapareceu. Fiquei atordoado. As mãos pareciam doer-me pelos socos que havia dado; o rosto ardia pelos sopapos recebidos daqueles moleques”.

Tamanha importância deste sonho que, em 1858, o papa Pio IX , ordenou a Dom Bosco que o colocasse por escrito com a finalidade de encorajar seus seguidores.

Atualmente, quando se fala em Dom Bosco, tem-se como referência, do ponto de partida de sua obra, este sonho. Nos livros, livretos referentes a sua vida encontra-se esta passagem.

Mais adiante veremos que o sistema educativo que Dom Bosco construiu, ao longo de sua vida, é bastante fundamentado nas idéias retiradas deste episódio de sua vida, bem como nas experiências que ele teve com crianças e jovens.

2.3 - Os Estudos

Como já foi dito, a infância de João Bosco foi muito difícil. Precisava ajudar sua mãe no trabalho, mas tinha muita vontade de estudar, de aprender.

No inverno de 1824, aos nove anos de idade iniciou seus estudos em Capriglio¹⁶, a cinco quilômetros de sua casa, frequentando a primeira elementar¹⁷. O período de aulas ia de 3 de novembro até 25 de março, período este chamado de “estação morta” para a lavoura. O mesmo ocorreu no inverno seguinte. Seu professor era P. Lacqua. Além da dificuldade enfrentada pela distância e pelo caminho que percorria, João Bosco tinha em sua própria casa a oposição de seu irmão Antônio em relação aos seus estudos. Para este, bastava que João soubesse manejar a enxada, já que eram camponeses e daí retiravam seu sustento.

Aos doze anos precisou sair de casa devido a objeção de seu irmão em relação aos seus estudos. A situação estava insuportável, Antônio não mais o respeitava, e passou a agredi-lo com palavras e com tapas. “Os doze anos de João não podiam competir com os dezenove do meio irmão”¹⁸. Procura, então, a família Moglia, que o acolhe e, mesmo trabalhando o dia todo no estábulo, à noite se dedicava aos livros que o padre Lacqua lhe dera. João ficou com a família Moglia¹⁹ aproximadamente três anos, de fevereiro de 1827 até novembro de 1829. Nesse período João não foi à escola.

Ao retornar a Becchi, João conhece o padre Calosso, que impressionado com a memória do menino, passa a ensinar-lhe latim. João vê no padre Calosso um amigo, conselheiro e um segundo pai. Em 1830, morre o padre Calosso, e com ele todas as esperanças de João.

¹⁶ Ver Anexo 5.

¹⁷ Em Bosco, T. (1993), pág. 44, encontra-se a seguinte explicação: “A instrução elementar fora imposta por lei em 1822. Era obrigatória e gratuita. Devia-se ensinar leitura, escrita, religião e aritmética”.

¹⁸ Ídem, pág. 13.

¹⁹ Ver Anexo 6.

Em dezembro de 1831, passa a frequentar a escola pública de Castelnuovo. Junto às elementares o município abriu um curso de língua de latim dividido em cinco classes, mas com um único professor: padre Manuel Virano.

No início são quase vinte quilômetros por dia, pois a escola era dividida em dois turnos: de manhã e a tarde. Depois de alguns dias, o tio Miguel consegue-lhe um lugar na casa de João Roberto, o alfaiate, para que João almoce o que levou de casa na marmita.

Mesmo assim o percurso é difícil, principalmente no inverno. *“Chuva e vento, sol e poeira são- lhe companheiros por muitos dias”*²⁰.

A mãe, Margarida, acaba por acertar com o alfaiate a estadia completa de seu filho em troca de cereais e vinho. João passa a receber a ajuda de seu professor, que notando a boa vontade de seu aluno, e um certo atraso, resolve dar umas aulas à parte. Em abril, João está recuperado.

Infelizmente, para João, padre Virano é nomeado pároco de Mõndonio e deixa a escola nas mãos do P. Nicola Moglia, o qual tem uma certa implicância com João.

João sentia um certo distanciamento dos sacerdotes para com ele e os outros meninos. Isso o chateava, pois em sua visão, o padre devia aproximar-se deles e dar-lhes bons conselhos. E foi assim que Dom Bosco passou a sua vida: em meio aos meninos...

Em suas horas livres João não tinha o que fazer, não tinha com quem se aconselhar. O alfaiate João Roberto, que também era músico do local passa a ensinar-lhe tocar a espineta e o órgão. Além disso João aprende o ofício de alfaiate.

Devido a insatisfação com a escola, e de acordo com a mãe, passa a trabalhar algumas horas por dia com o senhor Evásio Sávio, um ferreiro. Aprende, assim, mais uma profissão, que posteriormente servirá na abertura de oficinas em prol de rapazes pobres da periferia de Turim.

²⁰Op. cit., pág. 64.

Em novembro de 1831, aos dezesseis anos, matriculou-se no colégio de Chieri. Passa a morar com Lúcia Matta e seu filho, por uma pensão de vinte e uma libras por mês. Esta quantia seria paga em parte por serviços domésticos prestados por ele e por fornecimento de farinha e vinho. João entra no sexto ano, e com muita vontade mais o auxílio do P. Valeriano, após dois meses, foi admitido à exames e promovido ao quinto ano²¹. Novamente, após dois meses, foi submetido a outro exame e promovido ao quarto.

Nesta época, querendo ajudar na pensão, frequenta a oficina de um carpinteiro e acaba, também, aprendendo mais este ofício.

Na classe de João havia alunos que tentaram levá-lo para outro caminho: o da marginalidade. Ele percebendo às más companhias se afastou, mas com seu êxito escolar, foi ganhando respeito da classe. Esses alunos passaram a procurá-lo no recreio para ajudá-los nos seus deveres de casa. Com isso, foi criada a Sociedade da Alegria, *“um espaço para a juventude estudar em conjunto e divertir-se sadiamente, com jogos, brincadeiras, peças dramatizadas, etc”*²² e que tinha o seguinte regulamento²³:

1. *Nenhuma ação, nenhuma conversa indigna de cristão.*
2. *Cumprir os próprios deveres escolares e religiosas.*
3. *Alegria.*

João prosseguiu seus estudos. Em 1832 iniciou a terceira gramática. No ano seguinte(1833/34) cursou a classe de humanidades e em 1834/35, a retórica. Neste período , com a saída da cidade de Lúcia Matta e de seu filho, precisou arrumar um outro lugar para morar. Conseguiu hospedagem e duas refeições por dia num bar, em troca João tinha que limpar o estabelecimento e passar horas no balcão e no salão de bilhar.

Em 1835, aos vinte anos de idade, João Bosco entra para o seminário. Neste período João estuda teologia, que tinha como disciplinas principais a dogmática, a moral, a Sagrada Escritura, a história eclesiástica.

²¹ “A ordem era decrescente, do quinto se passava para o quarto, ao terceiro, etc” op. cit., pág. 82.

²² NEGRÃO, Ana Maria Melo “Arcadas do Tempo: o Liceu tece 100 anos de História”, SP, DBA: Artes Gráficas, 1997, pág. 35.

Mesmo no seminário João não perde contato com os amigos da Sociedade da Alegria, muito pelo contrário, encontravam-se periodicamente. Foram seis anos de estudos intensos e no dia 5 de junho de 1841, João Bosco é consagrado sacerdote.

²³ BOSCO (1993), pág. 85/86.

2.4 - O Sacerdócio

Esta é uma época de transição na sociedade italiana.

Turim²⁴ passava por um processo de desenvolvimento surpreendente. Surgiam as tecelagens e com elas centenas de migrantes vindos das montanhas ou dos campos. A população aumenta consideravelmente, congestionando a cidade.

Nas fábricas além dos homens, eram empregadas mulheres e crianças que trabalhavam em jornadas de treze a quatorze horas por dia, durante os sete dias. Nesta nova ordem social o que importava era o lucro.

Neste período *“padres de paróquia e sacristia, de escola e confraria de escritório comunais e de família eram vistos e muito. Em 1841, em Turim, havia um padre para cada cem habitantes. Alguns padres, frequentadores de círculos patrióticos e políticos, ou simplesmente de cafés são notícia. Muitos deles aventuraram-se à ordenação sacerdotal com a preocupação de quem procura um lugar ou inicia uma carreira.”*²⁵

Dom Bosco, apesar de seu jeito diferente de ser, de suas extravagâncias, de seu envolvimento nas brincadeiras dos garotos, da sua negação às etiquetas e cerimônias foi aceito também nas casas das pessoas mais importantes.

Propostas de trabalho não lhe faltaram: *“capelão na freguesia de Murialdo, onde seus concidadãos estavam dispostos a dobrar o salário para tê-lo com eles; educador numa nobre família em Gênova; vice-pároco em Castelnuovo com garantia de boas entradas e a probabilidade de sucessão e de uma posição social estável e definitiva.”*²⁶

João Bosco recusa a todos alimentando outro projeto: os meninos. Acaba por ficar em Turim, aperfeiçoando seus estudos de teologia e estudando a situação.

²⁴ Ver Anexo 5.

²⁵ PALMISANO, Nicola., “Dom Bosco e a marginalização juvenil”, coleção Mundo Novo, editora Salesiana Dom Bosco, SP, 1984, pág. 5.

²⁶ Ídem, pág. 7.

Seu professor e conselheiro é o padre José Cafasso, um padre que dedicava, suas horas livres, aos detentos , daí o apelido de o “*padre da força*”²⁷.

Iniciou seu trabalho como padre, acompanhando seu professor e amigo nas prisões de Turim e viu muitos jovens serem condenados à morte. Isso fez com que Dom Bosco concentrasse seus esforços no trabalho com os adolescentes pobres.

“ Em todo o jovem, mesmo no mais infeliz, há um ponto acessível ao bem e a primeira obrigação do educador é a de buscar este ponto, esta corda sensível do coração e tirar bom proveito.”

Dom Bosco

Muito lhe perturba, também, em suas andanças pela cidade, ao ver certas situações²⁸: crianças dos oito aos dez anos trabalhando como pedreiros, passando o dia ao sol e à chuva, recebendo safanões na cabeça e nas costas além de palavrões; crianças mendigando no centro da cidade; jovens desocupados e ociosos; moradias impróprias, com amontoado de pessoas; jovens gastando o mísero salário em tavernas, bebendo, jogando cartas, blasfemando.

Este contexto demonstra, de maneira clara, à Dom Bosco o sonho que teve aos nove anos, e que manteve sempre presente ao longo de sua vida.

Essa escolha pelos meninos pobres e desamparados custar-lhe-à muitas noites sem sono, muitas preocupações, muitos cochichos . Não foi fácil abraçar esse ideal e conseguir mantê-lo firme. Somente um homem de fibra e perseverante como Dom Bosco, poderia ter levado à frente esta missão.

A princípio, o desejo de Dom Bosco era montar uma casa na periferia, onde pudesse dar auxílio, atenção e cuidados aos desamparados e

²⁷ Termo encontrado em BOSCO, T. (1993), pág. 141.

marginalizados. Seria um *“centro não ligado à uma paróquia e aos seus limites territoriais, mas ligado à sua pessoa e aos próprios jovens e garotos, e que funcione apenas aos domingos e só para catequese e missas, mas também para jogos e iniciativas vivas e atraentes, e se prolongue por toda a semana através da amizade e de encontros nos lugares de trabalho e alhures”*.²⁹

O marco inicial desta obra é tida por Dom Bosco no episódio do dia 8 de dezembro de 1841.

Ao se preparar para celebrar a missa presencia um fato³⁰: entra na sacristia um rapazote pobre, todo envergonhado. O sacristão começa, então, a colocar o menino para fora a golpes de cabo de espanador. Dom Bosco vê e não gosta. Manda o sacristão chamar o garoto, que acaba assistindo a missa. Logo após a celebração Dom Bosco começa a conversar com ele. O garoto chama-se Bartolomeu Garelli, tinha dezesseis anos, não sabia ler nem escrever e não havia feito a primeira comunhão. Não tinha ninguém no mundo e para sobreviver trabalhava como servente de pedreiro. Dom Bosco pergunta-lhe se gostaria de fazer catecismo e o menino respondeu que sim. No mesmo instante começou a aula. Foi assim que, na sacristia da Igreja de São Francisco, em Turim, com aquela primeira aula, nascia o Oratório de Dom Bosco, que na tradição salesiana é *“um ambiente educativo que se abre, com ardor missionário, aos meninos e jovens, sobretudo aos domingos e dias santos, atraindo-os com agradáveis e honestos divertimentos, variadas atividades...”*.³¹ Bartolomeu Garelli foi o primeiro oratoriano. Dom Bosco começa então a reunir meninos para brincar e ter aulas de catecismo. Durante cinco anos o oratório foi ambulante, com reuniões em diversos lugares, como veremos a seguir.

Na semana seguinte já eram nove o número de meninos que procuraram Dom Bosco. E assim, encontro após encontro, foi crescendo significativamente o número de oratorianos .

²⁸ Dados retirados em PALMISANO, N. (1984), pág. 13-14.

²⁹ PALMISANO, Nicola, “Dom Bosco e a Marginalização Juvenil” , coleção Mundo Novo, n. 19, editora Salesiana Dom Bosco, SP, 1984, pág. 18.

³⁰ Dados obtidos em BOSCO, T. (1993), pág. 145-147.

³¹ Ídem, pág. 166.

O primeiro local que abrigou-os foi o Colégio Eclesiástico onde Dom Bosco estudava. O pátio, apesar de pequeno, era utilizado para jogos e recreio, e na igreja dava-se aulas de catecismo e canto.

As atividades realizadas são assim descritas por Palmisano: *“Por eles e com eles são organizados jogos, catecismo, escola dominical. Dom Bosco prepara-lhes jogos tais como bochas, malhas, bolinhas, pernas-de-pau e outras diversões. E depois canta-se, salta-se, corre-se: grandes partidas de barra-queimada! Aula e catecismo são dados em dialeto! Muitas vezes se come junto pondo em comum o que tem se tem ou que Dom Bosco conseguiu arrumar. ...O mais importante contudo, é que Dom Bosco procura fazer-se amar e os jovens sabem que são amados, e que ele os traz esculpidos no coração. Conhece-os a Todos, chama-os pelo nome e lembra-se até dos que frequentam irregularmente ou não são mais vistos”*³².

Durante a semana Dom Bosco ia atrás de trabalho para os estavam desempregados, e para aqueles que já o tinham, procurava melhores condições, e por vezes, ia visitá-los em seus locais de trabalho. Isso demonstrava o grande interesse que ele tinha por seus seguidores.

Ao término de seus estudos, Dom Bosco é nomeado Diretor Espiritual do Refúgio, lugar que abrigava meninas pobres, situado na periferia de Valdocco, instituição esta criada pela marquesa de Barolo, uma senhora que dedicava-se aos pobres.

Com ele, o oratório também é transferido para essa região. A princípio havia somente o espaço para correr e brincar³³. Faltava um lugar para rezar e confessar. Durante dois meses utilizou-se o quarto de Dom Bosco para atender as confissões.

Em 8 de dezembro de 1844 ficam prontas duas salas preparadas para a capela. Neste dia é escolhido um nome para o oratório: “Oratório de São Francisco Sales”. A escolha deu-se devido a calma e a doçura desse santo. Agora, já com um local para os encontros, passa a dar aulas noturnas para alguns meninos. Como veremos a seguir, apesar de ter

³² PALMISANO (1984), pág. 22.

conseguido este local para os meninos se reunirem, as preocupações de Dom Bosco continuavam pois sabia que não era por definitivo. Na verdade, a marquesa ansiava por ver o oratório deixar o local pois temia a aproximação daqueles rapagões às suas “madalenas”.

Em 1845, Dom Bosco tenta transferir o local das reuniões para o pátio de São Pedro in Vincoli³⁴, com o consentimento do capelão do local, o padre Tésio. A experiência foi desastrosa pois, o número de meninos presentes mais o barulho provocado por eles incomoda. Acaba sendo proibida a presença dos meninos no local e o oratório volta a se reunir no Refúgio.

Após dois meses Dom Bosco consegue um lugar, na capela dos Moinhos da Cidade, para dar catecismo aos domingos, do meio-dia às quinze horas, mas fica proibida a entrada dos oratorianos no segundo pátio do edifício. Os Moinhos da Cidade *“situavam-se na grande praça Manuel Felisberto (Porta Palazzo), à direita de quem desce para o rio Dora”*.³⁵

Mas, este novo local não foi por muito tempo também, o ponto de encontro dos meninos. Os moleiros, não aguentando o barulho e as peraltices dos oratorianos, protestam junto ao síndico de Turim que acaba por tomar a decisão de não renovar a concessão a partir de 1 de janeiro próximo. Segue-se um período em que os encontros aconteciam, a cada domingo, em um local diferente.

Porém, antes mesmo do término da concessão, em novembro de 1845, Dom Bosco aluga três cômodos da casa Moretta³⁶, no Borgo Valdocco. Inicia um curso regular de aulas noturnas. *“A instrução popular, as aulas noturnas, pertencem àquelas situações concretas que Dom Bosco transpõe as posições dos conservadores e se vê aninhado com os liberais”*.³⁷

As características do oratório³⁸ de Dom Bosco eram bem delineadas, tornando sua obra diferente das demais existentes:

³³ Ver Anexo 7 e 9.

³⁴ Ver Anexo 8 e 9.

³⁵ BOSCO, (1993), pág. 170. Ver Anexo 9.

³⁶ Ver Anexo 9.

³⁷ BOSCO, (1993), pág. 174.

³⁸ Dados obtidos em BOSCO, T.(1993), pág.177.

1) o oratório superava a instituição da paróquia, tornando-se “a paróquia dos jovens sem paróquia”;

2) Dom Bosco, por ser o próprio animador dos jogos barulhentos, inaugurou a “bondade alegre”;

3) o encontro com os rapazes é estendido para o dia santo inteiro, bem como as aulas diárias noturnas e as visitas aos locais de trabalho;

4) os rapazes vão à procura da pessoa de Dom Bosco, da sua presença amiga e estimulante, e não da instituição paróquia-igreja;

5) Dom Bosco acolhe à todos, jovens saídos dos cárceres; jovens pobres ; abandonados.

Em 1846, novamente reclamações. Os demais inquilinos da casa Moretta ameaçaram retirar-se se a gritaria, o contínuo ir e vir dos garotos não cessassem. Dom Bosco, então, aluga o prado dos irmãos Filippi³⁹.

No centro havia um barracão, o qual era utilizado para guardar o material dos brinquedos. Nesta época já chegava a trezentos o número de oratorianos que procurava por Dom Bosco. Ali os meninos brincavam, corriam, confessavam , participavam da missa, lanchavam.

Nasce o projeto educativo de Dom Bosco, um projeto concreto que leva em conta as exigências sociológicas, psicológicas e religiosas do jovem.

Apesar de não conhecer essas terminologias, conclui que os garotos precisavam de “saúde, sabedoria e santidade”, de “alegria, estudo e piedade”, de “razão, religião e carinho”.⁴⁰

Os boatos se espalhavam em relação à Dom Bosco e sua obra, causando três sérios perigos: “oposição da autoridade civil, convicção de que Dom Bosco estava louco, perspectiva de fechar tudo em decorrência de um último licenciamento” .⁴¹

³⁹ Ver Anexo 9.

⁴⁰ PALMISANO, (1984), pág. 30.

⁴¹ BOSCO, (1993), pág. 183.

Guardas passaram a fazer ronda ao redor do Prado, e qualquer deslizamento seria motivo para a extinção do oratório. Sem querer, foi o próprio Dom Bosco, ao contar seus sonhos aos meninos, que foi alvo da atenção: estaria ele ficando louco realmente?

Junto com esse problema, chega outro. Os irmãos Filippi, em visita ao local, acharam que os garotos estavam acabando com o Prado, que iam transformar aquela região num deserto. Resultado: tinham eles quinze dias para desocuparem o local.

O dia 5 de abril de 1846 seria o último domingo naquele lugar. Dom Bosco não conseguira nada. Ao final da tarde deste dia um homem o procura e oferece um telheiro⁴² na propriedade do senhor Francisco Pinardi, na mesma região do Valdocco. Após algumas modificações, na semana seguinte, eles transferiram-se para lá. Iam ter igreja, escola e pátio para pular e jogar. Desta vez, Dom Bosco acertou o aluguel por um ano.

Dom Bosco não perdia as oportunidades para se aproximar dos jovens e dar algumas palavras:⁴³ *“Eu me servia daquelas exuberantes recreações para me aproximar de cada um. Com uma palavra ao ouvido, a um recomendava uma maior obediência, a outro maior pontualidade ao catecismo. A um terceiro sugeria que fosse confessar-se. E assim por diante”.*

Infelizmente uma doença o abateu: tosse, golfadas de sangue pela boca. Foram dias difíceis entre a vida e a morte. Após se restabelecer, por orientação médica, necessitava de descanso. Foi para casa da mãe Margarida, nos Becchi, mas com a promessa que voltaria no outono.

Voltou, e levou com ele sua mãe para ajudá-lo. Dom Bosco transfere sua moradia para o telheiro.

Em dezembro de 1846, consegue alugar todos os aposentos da casa Pinardi mais o terreno circunstante. Uma parte do Prado foi transformada em horta, para ajudar na alimentação dos garotos.

Dom Bosco não trabalhava sozinho, tinha seus colaboradores, como o P. Borel, o P. Carpano e demais sacerdotes. Mas

⁴² Ver Anexo 9 e 10.

ainda era pouco, precisava de mais ajuda. Começou a buscar auxiliares entre os próprios rapazes, os mais velhos. A princípio foram de oito a dez.

Outro sonho de Dom Bosco era montar um internato: dar lar àqueles que não tinham aonde ir após o dia de trabalho. E assim, em 1847 mais este sonho se concretiza. O primeiro interno foi um rapaz de quinze anos, órfão. Neste dia, aconteceu também o primeiro "Boa-noite", feito pela Mamãe Margarida, e que hoje é traduzido pelo "Bom-dia" e pelo "Boa-tarde" nas escolas salesianas. O "Boa-noite" era o momento em que o diretor da casa dava umas breves palavras para concluir o trabalho do dia. Dom Bosco achava ser esta a "chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação". Era a hora de conversar sobre tudo e sobre todos. Nenhum problema era deixado para o dia seguinte. Depois era a hora de rezar. Atualmente, é feito no início das atividades.⁴⁴

O número de internos foi crescendo, e logo chegou a oito. Dom Bosco transformou em dormitórios dois quartos contíguos. Essa primeira casa salesiana foi chamada de "casa anexa ao oratório de São Francisco Sales". O número de internos nas casas salesianas são assim computados⁴⁵: 36 em 1852; 76 em 1853; 115 em 1854; 470 em 1860; 600 em 1861, sendo que o máximo atingido foi de 800 internos.

Em maio de 1847, Dom Bosco funda, entre os oratorianos, a "Companhia de São Luís". Essa Companhia acaba tornando-se um grupo de jovens empenhados em se ajudarem mutuamente a ser melhores.

Em dezembro os meninos chegam a oitocentos. O local já está ficando pequeno, e Dom Bosco junto com os seus colaboradores chegaram a conclusão que havia a necessidade de montar um segundo oratório, na parte sul da cidade. É alugado, então, da Senhora Vaglianti, uma pequena casa nas imediações de Porta Nuova e chamou-se "Oratório São Luís". Não demorou muito e houve a necessidade de montar-se um terceiro, o

⁴³BOSCO, (1993), pág. 191.

⁴⁴ Ver Anexo 11.

⁴⁵ BOSCO (1993), pág. 258.

qual foi instalado na região de Vanchiglia. Recebeu o nome de oratório “do Anjo da Guarda”.

A partir de 1850 começa um período de maiores conquistas: consegue a aprovação do arcebispo para o livre funcionamento do seu Oratório; comprou a casa Pinardi e a casa Bellezza, e empreendeu a construção da Igreja de São Francisco Sales⁴⁶. Alguns arranjos foram feitos, primeiramente no pátio de recreio e no teatro e seguiam todo um critério educativo: locais amplos, iluminados, ricos de ar, pórticos para ocasião de mau tempo.

De 1853 a 1862 Dom Bosco resolve montar, com ajuda de alguns clérigos saídos do oratório, suas oficinas. Neste período abriu oficinas para sapateiros, alfaiates, tipógrafos, encadernadores, carpinteiros e serralheiros. Era o surgimento da escola profissionalizante, que dava trabalho e sustento para muitos jovens.

Durante o ano letivo de 1854-55, preocupado com o verdadeiro sentido do internato, que é uma casa de educação, e não uma “fábrica de operários”, Dom Bosco inaugura um primeiro “regulamento”, o qual delineia a fisionomia da Obra para os jovens aprendizes.

Em 1854 nasce a Congregação Salesiana, quando Dom Bosco propõe a quatro jovens experimentar uma forma associativa religiosa, isto é, um exercício de caridade para com o próximo. O projeto se estruturou e em 1859, a congregação foi fundada, dando origem a muitas igrejas, oratórios, escolas, oficinas e à formação de padres por todo o mundo. Seus adeptos receberam o nome de *salesianos*, em homenagem a São Francisco de Sales. Em 1875, Dom Bosco instituiu os cooperadores salesianos.

O primeiro Colégio Salesiano foi criado em 1863, quando forças políticas anticlericais proibiram o ensino religioso nas escolas. Dom Bosco foi procurado por pais católicos que queriam uma educação voltada para a evangelização, que resgatasse os valores humanos. A proposta foi aceita com a condição de ser criado junto às escolas um oratório. A abertura

⁴⁶ Ver Anexo 9 e 12.

das escolas segue as seguintes datas : *“Em 1864, foi fundado, com muita pobreza, o primeiro colégio de Lanzo; em 1870, o de Alassio; em 1871, o internato para pobres em Marassi e, em 1872, o Colégio Cívico de Varese.”*⁴⁷

No mesmo ano, 1872, com Maria Domingas Mazzarello, Dom Bosco fundou a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

As obras salesianas cresceram rapidamente, e em pouco tempo, já haviam numerosas escolas de ensino elementar, secundário e profissional⁴⁸. Multiplicaram-se os colégios, as escolas de aprendizes, as escolas agrícolas. Em 1888 já existiam *“250 casas, onde recebiam educação mais de 130 000 meninos, em sua maior parte procedentes das classes mais necessitadas”*⁴⁹. Atualmente, elas se localizam em 114 nações.

Dom Bosco para conseguir todo esse conjunto passou por muitas dificuldades. O dinheiro foi conseguido sempre com muito sacrifício, através de seu trabalho, de doações, de esmolas. Dom Bosco faleceu em 31 de janeiro de 1888 , sendo canonizado por Pio XI, em 1934.

“ Essa cara juventude foi sempre o terno objeto de minhas ocupações, dos meus estudos, do meu ministério sacerdotal e da nossa Congregação”.

Dom Bosco

⁴⁷ NEGRÃO, (1997), pág. 38.

⁴⁸ Ver Anexo 13.

⁴⁹ Dados obtidos no Dicionário de Pedagogia Labor, vol. 1, pág. 458.

2.5 - O Escritor e o Editor

Dom Bosco, ao longo de sua vida, sempre teve o dom da comunicação. Utilizou-se do diálogo e de outros meios de comunicação para conquistar os seus meninos, e assim soube estabelecer um profundo relacionamento educador e educando.

Percebeu logo a importância da imprensa como meio de evangelização, o mais moderno de sua época.

Assim, Dom Bosco também foi escritor. Iniciou sua carreira escrevendo a vida de seu amigo Luís Comollo, em 1844. A partir daí cresce sua atividade neste campo, podendo sua obra ser assim agrupada⁵⁰:

a) *Apologética: História Sagrada, História Eclesiástica, Vida dos Papas*

b) *Educação: Sistema Métrico, História da Itália, Tratado sobre o Sistema Preventivo*

c) *Religião: O Jovem Instruído, O Cristão Instruído.*

d) *Divulgação Popular: Cerca de 70 volumes de Leituras Católicas.*

O editor

Dom Bosco era conhecedor de artes gráficas, e logo que pôde montou em seu oratório, em Turim, Oficinas de Tipografia. Assim, os jovens acabavam imprimindo os livros que escrevia. As Oficinas de Tipografia transformaram-se em Editorial. Em 1982, o número de Editoriais Salesianos chegavam a vinte e cinco, dos quais dez se encontravam na América Latina.

Como editor Dom Bosco criou⁵¹:

- *As Leituras Católicas: de 1853 a 1888 - 432 fascículos dos quais cerca de 130 com várias edições*

⁵⁰ Centenário Salesiano em Foco, no. 3, revista mensal do Centenário da Obra Salesiana no Brasil, pág. 5, set. 1982.

⁵¹ Ídem, pág. 6

- *Biblioteca da Juventude Italiana* : durou de 1868 a 1885. São 204 volumes de literatura italiana

- *Selecta ex Latinis Scriptoribus*: Trechos escolhidos de autores latinos; de 1870 a 1888 - 41 volumes

- *Coleção de Autores Latinos Cristãos*: iniciada em 1877 e depois passada à *Società Edritice Internazionale*

- *Biblioteca de Leituras Ascéticas*: de 1855 a 1889 com 36 volumes publicados

- *Pequena Coleção de Leituras Dramáticas*: de 1885 a 1889 com 46 volumes

- *Coleção de Livros Amenos*: em 1886

- *Pequena Biblioteca do Operário*: de 1885 a 1889, com 16 volumes

- *Periódicos*: algumas páginas do *Galantuomo*

- *Amigo da Juventude*: 1859 - jornal político-religioso, com duração de oito meses e 61 números

- *Boletim Salesiano*: em 1887.

Dom Bosco percebeu que a imprensa seria um bom meio para difundir a evangelização entre todas as classes da sociedade, “*embora a preferência devia ser dada aos jovens e às classes populares*”⁵². As casas e obras, como também seus cooperadores e amigos, faziam uma rede natural de distribuição e divulgação. Além disto, a imprensa foi um meio também capaz de manter vivo o espírito de Dom Bosco.

⁵² Op. cit., pág. 6.

3 - OS SALESIANOS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

O objetivo de enviar missões salesianas para a América do Sul, primeiramente para a Argentina, era o de evangelização dos índios que ali existiam. Pensava-se, a princípio, montar missões nos Pampas e na Patagônia.

Deste modo, em 14 de novembro de 1875, parte de Gênova, no vapor Savoie, os primeiros salesianos com destino à Buenos Aires. Na rota, uma breve parada no Rio de Janeiro para visita ao bispo Dom Lacerda.

O grupo, chefiado pelo padre João Cagliero, era composto pelos padres José Fagnano, Domingos Tomatis, Valentim Cassini, J. B. Bassino e Tiago Allavena; por coadjutores; pelo cônsul da Argentina em Gênova, o comendador Gazzolo.

No dia 7 de dezembro chegam ao Brasil e Dom Lacerda mostra-se interessado pela obra prevista na Argentina. No dia 14 de dezembro, exatamente um mês da saída de Gênova, chegam os missionários em seu destino final, Buenos Aires. O grupo foi recebido pelo Arcebispo da cidade, sacerdotes e mais de duzentos imigrantes italianos.

Qual a surpresa do grupo ao se depararem com o *“espetáculo de uma população de boa índole, de boas tradições, respeitosa dos sacerdotes, até mesmo generosa, mas extremamente ignorante e, mais que nenhuma outra, carente de assistência religiosa”*.⁵³

Neste contexto, percebe-se que o principal, naquele momento, era a evangelização daquele povo. Os índios ficariam para depois.

O grupo foi dividido em duas turmas: o P. Cagliero, com mais duas pessoas, ficaram junto à igreja da Mãe Misericórdia, com a finalidade de atender os imigrantes italianos ali existentes; o P. Fagnano com os outros seis integrantes foram a San Nicolás, para abrir um colégio de meninos.

Havia necessidade de abertura de escolas, já que a mesma era escassa. Logo, o P. Cagliero recebeu muitos pedidos tanto da Argentina

⁵³ BOSCO, Terésio, (1993), pág. 473.

como do Uruguai. Este último ofereceu “cifras dolorosas” pelo trabalho dos salesianos no país, já que não havia um só seminário, nenhum clérigo, e na capital, nenhuma escola católica.

O P. Cagliero acaba direcionando seu trabalho para a construção de três obras: a escola profissional; um colégio em Montividéu (o primeiro colégio cristão na capital do Uruguai); uma obra para meninos num bairro pobre e violento de Buenos Aires, o “La Boca”.

Para ajudá-lo a fundar tais obras, Dom Bosco manda uma nova expedição. No dia 7 de novembro de 1876 mais vinte e três salesianos seguem em direção à América. Entre eles estão o P. Bodrato e o P. Luís Lasagna.

Neste período retoma-se o objetivo inicial da missão que era o de evangelizar os índios.

A estratégia pensada para tal foi a de montar colégios nas proximidades das terras indígenas, e acolher neles, os filhos dos índios, e por meio destes aproximarem-se dos pais. Deste modo , estariam também, cultivando as vocações eclesiais dos filhos. *“Os selvagens tornar-se-iam assim os evangelizadores dos mesmos selvagens”*⁵⁴.

Resta dizer que o plano não funcionou pois, nem sinal dos índios. Cidades próximas às terras dos índios, como queriam, não existiam.

Um ano depois da segunda expedição é enviada a terceira. Agora com dezoito integrantes, dentre os quais clérigos muito jovens. Também fez parte desta expedição um grupo pequeno de Filhas de Maria Auxiliadora.

Outras tentativas de aproximação dos índios foram feitas: em 7 de março de 1878, parte um vapor em direção ao sul. Nele estavam o P. Costamagna, o P. Rabagliati e o vigário Mons. Espisosa. O vapor, após três dias de tempestade , precisou retornar ao porto de Buenos Aires.

Uma segunda tentativa iniciou em 16 de abril de 1879. O general e ministro da guerra, Júlio Roca, estava de partida para o sul com mais oito mil soldados, com a finalidade de “rastelamento” contra as tribos indígenas

⁵⁴BOSCO, Terésio, (1993), pág. 476.

que andavam provocando contínuas sublevações e guerrilhas. Roca pediu ao Arcebispo que indicasse alguns sacerdotes para segui-lo. Foi mandado um vigário e os salesianos P. Costamagna e o P. Botta.

O caminho traçado: Buenos Aires, Azul, Carhué, Choele-Choel, Patagones.⁵⁵

Saindo de Azul, o último povoado da Argentina, começa o deserto dos Pampas. É a partir dessa região que podem ser vistos tribos de índios. Primeiramente, foram vistos os índios Pampas, já quase civilizados.

Carhué, é uma estação que faz divisa com as tribos índias. Nela encontra-se as tribos Eripaylá e os Manuel Grande. Neste lugar a missão conseguiu *“administrar cinquenta batismos em filhos de índios e uns vinte em filhos de cristãos”*.⁵⁶

Segue-se a viagem e no dia 14 de maio chega-se a Choele-Choel. Os missionários chegam até Patagones e no final de julho retornaram à Buenos Aires.

Em 5 de agosto de 1879 , o Arcebispo de Buenos Aires oferece a Dom Bosco a missão de Patagones. Em 1880 implantaram a obra salesiana na Patagonia .

Implantação da Obra Salesiana no Brasil

Os salesianos chegaram ao Brasil em 14 de julho de 1883, via Uruguai.

A situação do país era delicada. Vários acontecimentos estavam mobilizando a vida no Brasil: *“A guerra do Paraguai (1864-1870) gerou a fundação do Partido Republicano e uma conseqüente decadência da monarquia. A campanha abolicionista cresceu. A Lei do Ventre Livre de 1871 deixou nas ruas as crianças negras libertas, sem estabelecimentos que as acolhesse. Paralelamente, os imigrantes europeus começaram a chegar ao*

⁵⁵ Ver Anexo 14.

⁵⁶ BOSCO, Terésio, (1993), pág. 479.

*Brasil, como mão-de-obra assalariada em substituição à escrava. Vitimados pela febre amarela, deixam seus filhos órfãos”.*⁵⁷

A Igreja Católica sempre manteve clara sua oposição às idéias liberais que estavam entrando no Brasil.

A partir deste contexto, o bispo do Rio de Janeiro, D. Lacerda, pede à Dom Bosco a ajuda de salesianos no país.

Os salesianos chegam num momento em que os protestantes, tidos pela igreja católica como hereges, ganhavam corpo e se firmavam em instituições de ensino.

Dom Bosco designa o P. Lasagna, nomeado em 1881 Inspetor do Uruguai e Brasil, para fazer a intermediação no Rio de Janeiro. Em 1882, P. Lasagna faz uma viagem ao Brasil com o objetivo de sondar o terreno e estudar a melhor maneira de implantação da obra. Escreve ele à Dom Bosco em 6 de maio, antes de partir do Uruguai: *“Antes, porém, de aventurar nessa tarefa o primeiro grupo de salesianos, a prudência exige que alguém os preceda, para explorar o terreno e escolher, naquela imensa superfície, um ponto estratégico e menos exposto ao perigo. Confortado com a sua bênção, meu amadíssimo Pai, empreenderei esta primeira viagem que irá abrir para a nossa congregação as portas de um império cuja extensão é igual a três quartos da Europa”.*⁵⁸

Nesta viagem, D. Lasagna teve uma audiência com D. Pedro II, o qual reconheceu a necessidade de fundar obras salesianas no Brasil.

Em 1883, chegam ao Rio de Janeiro os padres Miguel Foglino, os irmãos coadjutores Domingos Delpiano, João Bologna e José Daneri e o clérigo Bernardino Monti, vindos do Uruguai, acompanhados pelo P. Lasagna, já na função de Inspetor.⁵⁹

A primeira casa aberta foi o Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói. O seu fundador foi o P. Luís Lasagna. Eis o relato do próprio Lasagna a respeito do local adquirido para esta obra: *“... aos pés dos montes,*

⁵⁷ NEGRÃO, Ana Maria, (1997), pág. 42.

⁵⁸ Centenário Salesiano em Foco, n. 3, setembro, 1982, pág. 15.

⁵⁹ NEGRÃO, Ana Maria, (1997), pág. 43.

num lugar imenso chamado de Santa Rosa, com um bonde que passa à porta, fizeram-me visitar uma bela propriedade, com grandíssimo terreno ao redor, o mais belo, o mais saudável que se possa encontrar em toda a província...".⁶⁰

As obras salesianas no Brasil ganharam a mesma marca das suas precursoras: ao lado de toda casa que se abria era fundado um Oratório Festivo e depois escolas profissionais ou agrícolas e em seguida o colégio.

Nota-se, nesta passagem, como àquelas descritas por Dom Bosco, na Itália, que houve sempre a preocupação em escolher um lugar espaçoso, verde, para a implantação das obras salesianas. Percebe-se que esta colocação tem fundamento no primeiro sonho tido por Dom Bosco, o qual marcou a sua vida, onde ele, em meio a muitos meninos, encontrava-se numa área muito grande.

Atualmente, no Brasil, existem seis Inspetorias,⁶¹ assim divididas:

1) Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - possui 22 casas e abrange as áreas: do Rio Negro (Iauareté, Içaná, Marauiá, Mataracá, Santa Isabel, São Gabriel, Taraquá); Área de Manaus (Aleixo, Alvorada, Casa Inspetorial, CESAF, Dom Bosco); Área de Rondonia e Rio Madeira (Areal, Dom Bosco, Humaitá, Ji-Paraná, Manicoré, São João Bosco); Área do Pará (Ananindeira, Carmo, Sacramento).

2) Inspetoria São João Bosco - possui 32 casas e abrange as áreas: Brasília, Goiania, Silvania, Araxá, Pará de Minas, Cachoeira do Campo, São João Del Rei, Barbacena, Belo Horizonte, Ponta Nova, Venda Nova, Vitória, Jaciguá, Campos, Niterói, Rio de Janeiro, Rezende.

3) Inspetoria de Campo Grande - possui 22 casas e abrange as áreas: Lins, Araçatuba, Três Lagoas, Indápolis, Campo Grande(4), Corumbá(2), Rondonópolis, Alto Araguaia, Guiratinga, Barra das Garças,

⁶⁰ Centenário Salesiano em Foco, n. 3, setembro, 1982, pág. 16.

Poroxéu, Cuiabá, Coxipó da Ponte, Sangradouro, Merúri, Nova Xavantina, São Marcos.

4) Inspetoria Salesiana São Luis Gonzaga - possui 20 casas e abrange o nordeste do país: Fortaleza(2), Jaboatão (2), Recife(5), Areia Branca, Natal, Carpina, Juazeiro, Aracajú, Salvador, Matriz de Camaragibe.

5) Inspetoria São Pio X - possui 19 casas e abrange a região sul do país: Paraná (Ponta Grossa, Curitiba, Guarapuava); Santa Catarina (Joinville, Massaranduba, Rio dos Cedros, Ascurras, Rio do Sul e Itajai); Rio Grande do Sul (Santa Rosa, Porto Alegre, Bagé, Rio Grande, Via Mão).

6) Inspetoria Maria Auxiliadora - possui 25 casas na região sudeste mais 10 casas na África: São Carlos, Araras, Americana, Piracicaba, Campinas, Sorocaba, Campos do Jordão, Lavrinhas, Cruzeiro, Lorena, Pindamonhangaba, São José dos Campos, São Paulo.

As sedes das Inspetorias localizam-se respectivamente em Manaus, Belo Horizonte, Campo Grande, Recife, Porto Alegre e São Paulo.

Em 1896, com a separação das congregações do Brasil e do Uruguai, criou-se a Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, cuja sede ficava no Colégio São Joaquim, em Lorena, posteriormente anexa ao Liceu Coração de Jesus, em São Paulo.

Atualmente, no Brasil, os salesianos dedicam-se às escolas, oratórios, paróquias, casas de formação, às missões indígenas localizadas no Norte e Centro-Oeste, além da missão em Angola.

Em Campinas⁶², pode-se dizer que, a instauração de obras salesianas, foi devido ao trabalho de duas pessoas - Maria Umbelina Couto e Cônego João Baptista Corrêa Nery - que preocupados com os órfãos da febre

⁶¹ As casas salesianas, isto é, colégios, obras são divididas em inspetorias. Cada uma delas possui um Padre Inspetor, o qual coordena cada uma das casas pertencentes a sua inspetoria. Os dados foram obtidos no Elenco Salesiano das respectivas Inspetorias.

amarela que abateu a cidade entre 1889 e 1897, não mediram esforços para a construção de um local para abrigá-los.

Negrão descreve a difícil situação pela qual passava a cidade naquele período: *“Campinas deserta, cidade fantasma, serviços públicos e privados parados; várias farmácias mantinham-se fechadas, bem como escolas, açougues, hotéis, lojas e Fórum. Uma carrocinha da municipalidade recolhia os cadáveres depositados nas calçadas e os levava a valas comuns, no cemitério. Roupas, colchões, lençóis, objetos pessoais eram incinerados”*.⁶³

Cônego Nery procura então Dom Luís Lasagna para propor-lhe esse novo trabalho.

Pe. Ferreira fala da importância da vinda dos salesianos para a região: *“ Para Campinas, onde abundavam as instituições escolares, faltava quem se ocupasse dos que pareciam abandonados pela sorte, a presença de missionários enviados por Dom Bosco significaria abrir uma dimensão nova no contexto cívico e religioso da cidade”*.⁶⁴

Para conseguir fundos para a obra foram organizadas *“festas, quermesses, promoções, bingos e espetáculos teatrais. O cônego Nery e seu companheiro, Chico Píngurra, percorriam a cavalo as fazendas próximas em busca de doações...”*⁶⁵. Uma área de 43 443 m², no bairro Guanabara, foi doada pelo barão e baronesa Geraldo de Resende e por Francisco Bueno de Miranda e sua esposa. Para a efetivação da obra houve contribuição em dinheiro e materiais de construção de algumas pessoas da sociedade.

Em 9 de outubro de 1892 foi lançada a pedra fundamental do prédio com a denominação Lyceu de Artes e Ofício. Após cinco anos, no dia 25 de julho de 1897, foi inaugurada uma parte do colégio. Apesar do mesmo não estar ainda pronto para iniciar as atividades pedagógicas sentia-se a necessidade de atender os filhos dos colonos, especialmente italianos, das fazendas vizinhas e ensinar-lhes o catecismo. Com isso, chega à Campinas,

⁶² Dados obtidos em NEGRÃO (1997).

⁶³ NEGRÃO, Ana Maria, (1997), pág. 20.

⁶⁴ Texto escrito pelo Pe. Antonio da Silva Ferreira. Ídem, prefácio.

os salesianos - padre Alexandre Fia e o clérigo Hortênsio Germano. No dia 27 de agosto de 1900 o Lyceu de Artes e Ofícios é oficialmente passado para a Congregação Salesiana.

Em 1898 foram abertas as oficinas profissionalizantes para os órfãos. Estes recebiam moradia, alimento, roupas e educação em tempo integral. Neste mesmo ano abriu-se o internato e o semi-internato para meninos de oito a quinze anos, oriundos de famílias mais abastadas. Para isso chegaram à Campinas novos salesianos vindos de Roma e também houve a ajuda de alguns brasileiros já interados nas obras salesianas.

As oficinas profissionalizantes acabaram falindo por diversas razões: *“ Sua montagem e manutenção exigiam grandes despesas, e a distância do Liceu ao centro urbano comprometia a demanda de encomendas e a venda dos produtos. O Guanabara, bairro de difícil acesso, sem arruamentos e caminhos poeirentos, dificultava a vinda de pessoas. Ademais, era problemática a integração dos estudantes mais favorecidos com os aprendizes, providos de classe sócioeconômica mais baixa”.*⁶⁶

Como a finalidade primeira do Liceu eram as artes e o ofício decidiu-se transferir as oficinas para o centro da cidade. Assim, em 1909, a congregação comprou uma propriedade para montar o ensino profissionalizante. Criou-se então o Externato São João, e o Lyceu de Artes e Ofícios passou a ser denominado Lyceu Salesiano Nossa Senhora Axiliadora. Por dois anos o Externato funcionou nas dependências do Lyceu.

Em 1 de março de 1914 foi inaugurada a Escola Agrícola, para alunos órfãos ou desamparados, anexa ao Lyceu, numa área de 4 000 m². O curso visava *“incentivar a agricultura, o trabalho com a terra, reconhecendo-o tão dignificante quanto o bacharelado. Ministravam-se, com aulas teóricas e práticas, as seguintes disciplinas: português, aritmética, geometria, geografia, história pátria, história natural, agronomia, francês, desenho, caligrafia, trabalho, religião”.*⁶⁷

⁶⁵ Ídem, pág. 21.

⁶⁶ NEGRÃO, Ana Maria, (1997), pág. 52.

⁶⁷ Ídem, pág. 57.

Com o crescimento de Campinas a Escola Agrícola viu-se cercada pela cidade, comprometendo seu trabalho. Em 1944, os salesianos elaboraram um projeto de venda do terreno e o dinheiro conseguido seria utilizado para a construção de uma nova escola profissional. Assim, em 1953, é inaugurada a Escola São José.

Percebe-se, dentro da história dos salesianos em Campinas, bem como na Itália, que o objetivo primeiro era tirar os meninos carentes e órfãos das ruas, oferecendo uma profissão àqueles que estavam vivendo à margem da sociedade, dando-lhes um lar para morar e enchendo-os de esperança e apontando-lhes um futuro melhor.

4- O SISTEMA EDUCATIVO DE DOM BOSCO

Negrão (1997), ao fazer um belíssimo trabalho sobre a história dos cem anos do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, assim se refere ao sistema elaborado por Dom Bosco: “ *O surgimento da obra de Dom Bosco, no século XIX, na área da educação não foi fruto de uma teoria, e sim de uma práxis*”.⁶⁸ Foi através de suas experiências de vida, do trabalho realizado com os meninos, da sempre presente mãe Margarida que foi sendo construído o alicerce de seu sistema educativo, que recebeu o nome de Sistema Preventivo. As virtudes da mãe, são exemplos muito fortes na vida de Dom Bosco.

Dom Bosco, além de apoiar-se em sua prática, não ficou omissos às idéias que circulavam em sua época.

É o período do ressurgimento italiano, período este que procura “*sentir a profunda dignidade da alma infantil e dedicar-lhe o mesmo amor que se dedica às coisas de religião; tratava-se de sentir a profunda intensidade imanente na missão de educador e se tratava, ademais não de se ensinar uma doutrina, mas de suscitar na alma e na vida do educando um fermento e uma chama que tenha como escopo todo o educando, que o faça crescer em coerência de pensamento e ação, enxertando nele um valor supremo, religioso por consequência, que unificaria, organizaria e melhoraria todas as suas distintas atividades, purificando-as em ordem divina do ser e da verdade*”.⁶⁹

⁶⁸ NEGRÃO, Ana Maria, (1997), pág. 38.

⁶⁹ MODESTI, J. (1984), pág. 22-23.

4.1- Os Inspiradores

O século XIX é considerado rico em idéias pedagógicas, principalmente vindas da França, contribuindo para a construção de um ensino popular e para a edificação de uma nova pedagogia.

Dentre os pedagogos com quem manteve contato, Modesto (1984) cita: F. Aporti, fundador de asilos infantis, o qual foi seu professor na Universidade de Turim; Rosmini, que contribuiu com a idéia da liberdade do educando, sem confundi-la com licença; a unidade educativa. Deste último é importante ressaltar que Dom Bosco se opunha quanto ao pensamento filosófico, já que Rosmini era um liberal e Dom Bosco conservador, fidedigno ao papa.

Manteve contato também com os irmãos lassalistas, os quais tinham um colégio em Turim, como também não deixou de lado as instituições chamadas oratórios de Roma e Milão.

As idéias de João Batista de La Salle, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs(1684)⁷⁰, podem ser encontradas no pensamento de Dom Bosco. Para La Salle, a escola é o noviciado da vida; nela, forma-se o homem e o cristão. *“Prefere a disciplina preventiva à disciplina repressiva, formando no educando hábitos salutarees mediante o exemplo, a vigilância, a ordem, o trabalho constante, a emulação à prática da virtude moral e sobretudo religiosa”*.⁷¹ Opta pela instrução simultânea e não a individual. Pode-se dizer que o *“fim dessas escolas era essencialmente religioso, e que deviam ser, dentro do possível, gratuitas e dedicadas as classes humildes...”*.⁷²

Dentre as publicações da época eram de seu conhecimento: Pedagogia de Rayneri; as publicações da Sociedade de Educação e Instrução, fundada por Gioberti, Rayneri e Bertì; a obra de Dupanloup ” De l'éducation”.

⁷⁰ As Escolas Cristãs, que no princípio eram doze, se estenderam por toda a França com o objetivo de combater os jansenistas (referente a burguesia) e os protestantes, inimigos do catolicismo. Dados obtidos no dicionário de Pedagogia Labor, vol.2, pág. 1843.

⁷¹ GILES, Thomas Ranson (1983),pág.75.

⁷² Dicionário de Pedagogia Labor, vol. 2, pág 1844.

Dom Bosco tinha São Tomás de Aquino como um Mestre. Modesti(1984) escreve que dele vem a idéia de que o homem é imperfeito em todas as suas dimensões: física, psíquica e moral , mas este mesmo homem possui a capacidade de receber a perfeição. Entre esses dois extremos há um processo de transição, onde o educador realizará seu trabalho. Ele terá como instrumento as palavras e o exemplo a ser dado.

Dom Bosco tinha uma visão positiva da pessoa humana a qual era fundamentada em sua concepção religiosa. Espelhou-se, também, em São Francisco de Sales⁷³(1567-1622), pois *“admirava seu sistema de propagar e defender o catolicismo por meio da doçura”*⁷⁴, além de apoiar-se em seus mestres Cafasso e teólogo Borel.

⁷³ São Francisco de Sales foi bispo de Genebra, Suíça, tendo vivido entre 1567 e 1622. Ofereceu a mais perfeita lição de quanto se pode conseguir pela bondade e doçura. Viu-se cercado pelos calvinistas, que naquele tempo, eram tomados por uma grande aversão contra tudo que fosse católico. Ao invés de comprar briga, de entregar-se à oposição, São Francisco de Sales preferiu seguir o caminho de um humanismo suave. Fez valer a máxima “mais moscas se caçam com um pingo de mel de que com um barril de vinagre”. Retirado na Internet.

⁷⁴ Dicionário de Pedagogia Labor, vol. 1, pág. 458.

4.2 - Princípios e Fins

O século XIX foi um período marcado pela influência iluminística, e como todo movimento, existiram os que mostraram-se adeptos a ele e os que opuseram-se.

As idéias revolucionárias visavam, entre outras coisas, mudanças no processo educativo com base na secularização do ensino e na substituição dos mestres religiosos por leigos, propondo uma instrução pública por incumbência do governo civil.

Diante deste quadro, Dom Bosco foi um dos que mantevê-se contrário às novas idéias que circulavam na sociedade. Sua cosmovisão permanecia teocêntrica, isto é, tudo girava em torno de Deus. Contudo adotou técnicas e modalidades modernas de ação, sendo o seu sistema visto como uma pedagogia da liberdade, por não ser rígido, fechado, autoritário.

Colocava os valores especificamente humanos ligados aos valores religiosos: *“Ao lado da santidade, os valores da saúde física e mental, e da sabedoria. Ao lado da catequese, a “educação cívica, moral e científica da juventude”. Ao lado da religião, a “moralidade” e a “ciência”. Ao lado da piedade, a “alegria, o estudo e o trabalho”.*⁷⁵ O sentido humanístico era visto, principalmente, na relação paterna e pessoal do educador com o educando.

É importante dizer que, o conceito de preventivo utilizado naquele momento, em toda a Europa, tinha um sentido mais amplo. Após as traumáticas batalhas vivenciadas pelo povo e das mudanças econômico-político-social ocorridas, o medo de novos revolucionários, do liberalismo, de novas seitas era uma constante. Assim sendo, a idéia de prevenção estava em todo lugar⁷⁶:

a) Prevenção Política - O princípio preventivo inspirou os participantes do Congresso de Viena (1814-1815) que, buscaram restaurar o antigo, conservando o quanto, de positivo, haviam trazido as novas idéias e os novos tempos. O pacto da Santa Aliança assinado pelos soberanos da Rússia,

⁷⁵ SCARAMUSSA (1984), pág. 84.

Áustria, Prússia, buscava a garantia da ordem e do equilíbrio para o futuro das nações.

b) Prevenção Social (pobreza e mendicância) - O problema da pobreza como perigo social sentido nos séculos XVII e XVIII, é reproposto, mas de maneira mais preventiva no século XIX. Tudo era feito mais no sentido de prevenir a miséria, do que socorrê-la. O Conde Carlo Ilarione Pititti di Roreto indica elementos verdadeiramente preventivos para remover as causas da mendicância: instrução elementar; caixas econômicas, que habituaram as pessoas a se programarem e a economizarem; associações de mútuo socorro.

c) Prevenção no Campo Penal - Neste campo o conceito de punição e de correção era integrado com a idéia preventiva da reeducação e da recuperação.

d) Educação como Prevenção - A educação é vista como "preventiva" em si mesma, mesmo se metodologicamente seja realizada com modalidades "repressivas" e "preventivas".

e) Religião como Prevenção - A religião é universalmente reconhecida como meio de prevenção pessoal e social e garantia da ordem e da paz. É reconhecida a sua participação na recuperação dos reclusos para poderem voltar a sociedade. Nesta linha de prevenção é enérgico o trabalho de recuperação proclamado pelos papas do século XIX.

Nas iniciativas mantida pelo zelo cristão, se propunha em primeiro lugar, mostrar de modo tangível o valor da caridade e do amor ao próximo, mas vinculando-o sob um plano educativo com o propósito de repudiar aqueles processos de descristianização, revolucionários e de imoralidade.

Os jovens padres se empenhavam nos Oratórios com o objetivo principal de reaproximar as massas populares das práticas sacramentais e das grandes devoções. Dom Bosco dá uma nova feição ao Oratório e uma nova proposta de prevenção, a Prevenção pela Educação.

⁷⁶ Retirado da Proposta Educativa do Sistema Salesiano de Educação, págs. 3 e 4.

Os fins da educação eram para Dom Bosco: a salvação da pessoa humana; e a formação do "bom cidadão", aquele que possui uma profissão e por consequência não fica exposto ao ócio e suas ramificações.

Na mesma linha de outros educadores, Dom Bosco acreditou que a prevenção devia partir do princípio de "não reprimir ou punir o mal ocorrido, mas impedir que este aconteça". Seu método era preventivo não só em relação aos fins, mas principalmente com relação aos meios. Para ele, naquele momento histórico, o Sistema Preventivo era o único que poderia obter um verdadeiro sucesso.

O Sistema Preventivo, que daqui em diante será simbolizado pela sigla SP, é fundamentado, essencialmente, pelo trinômio: **AMOREVOLEZZA**⁷⁷ (Bondade) , **RAZÃO** e **RELIGIÃO** o qual constitui a característica desse sistema. Mais adiante veremos a constituição de cada um separadamente.

Cabe aqui dizer que, a palavra sistema para Dom Bosco, significa "maneira de agir" . Ele acreditou e escolheu para si um método, o Preventivo. Quando se referia ao Sistema Preventivo, tinha em mente " *um modo de agir, um complexo de procedimentos educativos, que implicavam todo um organismo de convicções, de idéias, de razão e de fé, que constituíam o seu modo de tratar educativamente os jovens, sem ulteriores preocupações científicas e epistemológicas*".⁷⁸

" O meu sistema? Simplicíssimo: deixar aos jovens plena liberdade de fazer o que mais lhes agrada. O problema é descobrir neles germes de boas disposições e procurar desenvolvê-las".

Dom Bosco

⁷⁷ Esta palavra não tem um significado fiel, na língua portuguesa, que traduza todo o sentido que Dom Bosco quis dar à ela. Encontra-se em SACARAMUZZA (1984), alguns termos como cordialidade, amabilidade, afeto, amor, mas que não esgotam suficientemente o seu significado.

⁷⁸ SCARAMUSSA (1984), pág. 100.

4.2.1 - A Religião

A religião no SP tem um significado todo especial. As bases da filosofia salesiana alicerçam -se justamente neste ponto.

Este eixo espiritual-religioso do sistema refere-se à *busca e descoberta do sentido da vida, à abertura para o transcendente, para o Absoluto - Deus.*

Dom Bosco vê na religião⁷⁹ o instrumento para a salvação e a coloca como elemento fundamental para a educação.

Procurava colocar na vivência do dia a dia do jovem a religião, tendo então dupla finalidade: *“formar a pessoa para o convívio humano e social, e formar a pessoa para seu destino transcendente”*.⁸⁰

Dom Bosco sempre teve a convicção de que qualquer mudança positiva se faz a partir da religião. Um exemplo disso pode ser visto numa das passagens de sua vida, quando Dom Bosco é convidado, pelo prefeito de Turim, a tomar a direção da prisão, já que desordens ocorriam com frequência, neste local . Ele responde: *“Pois eu tenho para mim que sem religião não se pode fazer nada de bom entre os jovens”*.⁸¹ Ele entendia que a religião era o meio para conseguir dos jovens a disciplina espontânea, não imposta. Sem religião, o único recurso que restava era a repressão.

Mas, Dom Bosco não queria que esta participação dos jovens, na vida religiosa, fosse de maneira imposta. *“Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos sacramentos, mas animem-se apenas, e se lhes proporcione facilidade de se aproveitarem deles... Dessa maneira, estimulem-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade, e cumpram-nas de boa vontade, com prazer e fruto”*.⁸²

⁷⁹Refere-se a religião católica, a única verdadeira para Dom Bosco.

⁸⁰ Roteiros de Iniciação, n. 6 pág. 2.

⁸¹ MODESTI (1984), pág. 76.

⁸²O Sistema Preventivo na Educação de Jovens, ver Anexo 18.

A religião, na prática do SP, apresentava-se como uma proposta de valores que permeava todo o lugar⁸³:

- Respirava-se um clima religioso em todo o ambiente, nas atitudes dos educadores e também nos jovens. Era alimentado nas atividades (aula, teatro, música, celebrações). Transparecia na linguagem dos sinais que se evidenciam no ambiente, como no destaque da capela, nas imagens, nos quadros, crucifixos, inscrições.

- Era uma concepção religiosa da vida, toda vivida à luz de Deus e de seu serviço. Insistia-se na presença paternal de Deus e estimulava-se a resposta de obediência filial e de amor: "Servir ao Senhor na alegria".

- Oferecia uma sólida instrução catequética que compreendia, além das verdades do credo, o estudo da história sagrada e informação sobre a vida da Igreja. Além das aulas e da catequese dominical, havia os tríduos, as novenas, que também eram ocasiões especiais de formação.

- Oferecia oportunidades de práticas religiosas: a oração diária, segundo a indicação do catecismo do tempo, "ao começar e ao terminar o dia, antes e depois das refeições, ao começar o trabalho...". a missa cotidiana; as comemorações ocasionais e festas em honra da Virgem, de São Luís, de São José.

- Incentivava e facilitava o acesso aos sacramentos, especialmente da confissão e da comunhão frequentes. A meta do educador, dizia Dom Bosco, é colocar o jovem em contato direto com o Senhor. Feito isto, ele terá em Cristo um mestre interior capaz de sugerir mais do que podem fazê-lo outros mestres. "A confissão e a comunhão frequentes e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara"

- Levava ao compromisso apostólico no próprio ambiente e fora, através da orientação vocacional pessoal e da experiência de grupos (companhias).

⁸³Roteiros de Iniciação, n.6, pág. 3.

- Propunha, através de um itinerário de fé, um caminho pessoal de santidade, à altura do jovem e do seu amadurecimento.

É através da religião que o educando vai guiar-se para o bem, denunciando o mal; vai sentir-se irmão de todos os homens, sabendo amar e respeitar o próximo.

4.2.2 - A Razão

O SP de Dom Bosco visava alcançar duas metas: 1) a promoção da juventude, visando a valorização humana; 2) a salvação das almas. Por isso, em toda ação educativa realizada por ele, havia a preocupação de formar o bom cristão e o bom cidadão.

A razão, dentro dos princípios educacionais de Dom Bosco, tem como objetivo criar um aluno que tenha capacidade de compreender, confrontar, raciocinar, adaptar-se, decidir. Este eixo, o psicológico do sistema, procura levar o educando a conhecer a si mesmo e o mundo.

Para tal não podia tolher as iniciativas dos jovens, pelo contrário, era necessário dar-lhes liberdade para expressarem todo o potencial, toda a criatividade.

Dom Bosco utilizava-se de várias atividades para atingir seus objetivos: música, teatro, passeios, esportes, festas.

A prática desse conjunto levava a criação de um ambiente racional, onde as regras existiam, mas eram mínimas. Esse trabalho que tinha por fim o "amadurecimento" do jovem.

O ambiente educativo deve trazer um sentimento de empenho construtivo: *"mais importante que fazer as coisas porque devem ser feitas, ou porque se deve obedecer a um regimento, mais importante é fazer por convicção, assumindo com responsabilidade as exigências para o crescimento pessoal e para a convivência em grupo"*.⁸⁴ O mecanismo para atingir esse ideal é a persuasão.

Neste caso *"a racionalidade deve ser partilhada pelo educando, até tornar-se consciência de uma efetiva responsabilidade pessoal, assumida com liberdade. O jovem é, portanto, protagonista de sua formação, no sentido de que deve ser agente e sujeito de seu próprio crescimento e do*

⁸⁴ Roteiros de Iniciação, n.5, pág. 4.

*grupo, e no sentido de que deve ser ouvido, ter voz e vez, e ser tratado de fato como sujeito”.*⁸⁵

A razão na concepção de Dom Bosco também é o bom senso, a simplicidade, o ser verdadeiro. Dom Bosco queria que os jovens o vissem como um amigo e não como um superior. Com a sua maneira de pensar acaba ganhando a confiança deles.

Como consequência deste princípio é que tem-se algumas normas práticas de Dom Bosco, as quais eram lidas no início do ano escolar, e quando necessário, relidas. Da razão nasce, também, a explicação do castigo, que por ventura deveria ser aplicado.

⁸⁵ Op. cit., pág. 5.

4.2.3 - A Amorevolezza

Desde o princípio Dom Bosco preocupou-se com os jovens abandonados, carentes, sem lar. A sua vontade era oferecer a estes jovens um lugar onde pudessem viver em um clima de verdadeira família, suprimindo as necessidades de afeto que necessitavam.

Na verdade, o princípio deste eixo está intimamente ligado ao sonho que Dom Bosco teve aos nove anos " *não é com pancadas, mas com mansidão e caridade que haverás de conquistar esses teus amigos*".⁸⁶

Como já foi dito anteriormente, não existe um termo de igual valor, na língua portuguesa, que traduza todo o sentido que a palavra Amorevolezza tem para Dom Bosco.

Amorevolezza é "*caridade sobrenatural, no sentido das motivações religiosas da relação entre educadores e educandos: pequenas atenções, respeito, dedicação afetuosa aos jovens...*"⁸⁷

A amorevolezza vista como uma postura educativa indica que o educador deve:

- *ter idéias claras e posições firmes, mas sem autoritarismo e imposição. A amorevolezza não pode ser confundida com fraqueza, "laissez faire", falta de orientação ou renúncia a posicionamento próprio. Expressa-se, positivamente, em atitude construtiva e paciente de diálogo e persuasão, evitando qualquer forma de sujeição, de pressão emotiva, de chantagem sentimental. É uma prática pró-ativa que dá segurança, estimula à constância e à convicção.*

- *tomar a iniciativa de aproximação, dar o primeiro passo, ir ao encontro do jovem com espontaneidade e simplicidade, entender e falar a sua "linguagem". A amorevolezza elimina formalidades que geram distâncias. "Gostar daquilo que os jovens gostam" - dizia Dom Bosco - é fator que gera aproximação e confiança.*

⁸⁶ Trecho retirado do sonho de Dom Bosco (ver pág. 14 deste trabalho).

- *criar um ambiente espontâneo, onde as normas regulamentares sejam reduzidas ao mínimo necessário, onde os jovens possam manifestar-se com liberdade e naturalidade, em sua alegria, movimento, agitação. "Dê-se ampla liberdade... contanto que não se cometa pecado".*⁸⁸

A amorevolezza deve ser manifestada nas palavras, nos gestos, nas expressões dos olhos e do rosto. O educador deve tornar visível seu amor pelo educando.

"Que os jovens não só sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados".

Dom Bosco

⁸⁷ Roteiro de Iniciação, n. 7, pág. 2.

⁸⁸ Op. cit., pág.3.

4.3 - A Prática

A prática desse sistema está baseada nas palavras de S. Paulo: *“Caritas patiens est, benigna est... omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet”* (1 Cor. 13, 4,7) . *A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo.*⁸⁹

Os salesianos, ainda hoje, utilizam o SP em suas instituições, mas a partir de uma leitura atualizada, procurando vivenciar o momento histórico em que estamos inseridos, buscando manter *“um clima de afeto, autenticidade, confiança, respeito à dignidade do educando, sensibilidade aos problemas sociais e verdadeiro amor ao próximo, além do cultivo das virtudes evangélicas, da educação da consciência co-responsável, do relacionamento interpessoal saudável e democrático”* .

E ainda: *“O segredo desse sistema reside, enfim, na interação educador-educando, por meio da convivência entre eles, na qual se procura ouvi-los, misturar-se com eles, sem preconceitos, sem medos, sem ameaças, sem prepotência, sem rispidez, a partir de um diálogo fraterno e autêntico. É assim que é a missão de educar acontece. E, para que o processo interativo se sedimente, é preciso gostar do que os jovens apreciam: música, alegria, esporte, aventura, desafio, etc. É preciso amor. Sem afeto e verdadeira estima, toda educação se torna estéril”*.⁹⁰

Dom Bosco percebeu que o importante era fazer o jovem desabrochar em todas as suas potencialidades, não tolindo sua iniciativa, sua espontaneidade. Não deveria abafar a originalidade da criança, mas sim desenvolvê-la; não deveria comprimir suas energias, mas sim discipliná-las. O mestre seria aquele colaborador indispensável que ensinaria a criança a poder dispensá-lo um dia.

⁸⁹ MODESTI (1984), pág. 128. Trecho retirado do tratado escrito por Dom Bosco intitulado “O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens”

⁹⁰ NEGRÃO (1997), pág. 39.

Dom Bosco, por mais ocupações que tivesse, sempre fez questão de estar presente ao lado de seus jovens, no pátio, confissionário, na direção espiritual e pedagógica. Conseguiu dar um sentido familiar à sua ação educativa, estendendo-se a todos os salesianos.

“Familiaridade com os jovens, especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança.”

Dom Bosco

Dom Bosco não chegou a escrever na íntegra, e com rigor científico, sobre o seu SP. Pode-se consegui-lo através da análise de sua prática educativa. Também são utilizados, com frequência, três escritos deixados por Dom Bosco que, de certa forma, contém o esquema de sistematização de princípios e métodos de sua pedagogia. O primeiro (não obedecendo a ordem cronológica da escrita) é uma carta circular sobre castigos, o segundo é uma carta sobre a situação do Oratório⁹¹ e o terceiro é um texto sobre o Sistema Preventivo, que após muitos pedidos, em 1877, escreve um “rápido esboço”, assim identificado por ele, intitulado “O Sistema Preventivo na Educação da Juventude”,⁹² o qual pretendia completar mais tarde.

Nele, Dom Bosco começa por fazer uma comparação entre o sistema existente naquele momento (Sistema Repressivo) e o sistema utilizado por ele (Sistema Preventivo).

O primeiro “consiste em fazer que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar maior

⁹¹ Carta escrita por Dom Bosco, aos oratorianos, após um sonho. Dom Bosco encontrava-se em Roma. Ver Anexo 17.

⁹² Ver Anexo 18.

prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso".⁹³

Contraopondo-se ao primeiro, o Sistema Preventivo, tem por base a razão, a religião e o carinho, excluindo, portanto, todo o castigo violento, e procurando evitar até as punições leves. É importante relembrar que este trabalho foi sendo desenvolvido no século XIX e que atualmente, os castigos violentos não são mais aplicados.

O Sistema Preventivo *"consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhos, falem, sirvam de guia em toda as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas"*⁹⁴.

Nota-se que o educador não colocará as regras para depois cobrar dos educandos o seu cumprimento, punindo eventuais transgressores, mas buscará "prevenir" propondo metas significativas e aprazíveis de serem atingidas, estando ao lado do educando, ajudando-o, aconselhando-o, encorajando-o, em todos os instantes.

Observem que, opondo-se à educação de sua época, onde os sacerdotes se mantinham afastados de seus alunos como seres superiores, inatingíveis, Dom Bosco acredita na interação com o educando para que se consolide o processo educativo. Este princípio foi adquirido em sua vivência e transportado para sua pedagogia.

" Conseguir-se-á mais com um olhar de bondade, com uma palavra animadora, que encha o coração de confiança do que com muitas repreensões que só trazem inquietações e comprimem a espontaneidade "

Dom Bosco

⁹³ MODESTI (1984), pág. 125. Trecho escrito por Dom Bosco em seu tratado intitulado "O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens"

⁹⁴ Ídem, pág. 126.

Os fins educativos, conteúdos e programas existem e são , em parte, semelhantes aos do Sistema Repressivo. O que difere ambos é que no SP os valores religiosos e morais vêm acompanhados pelo pensamento humanista cristão.

Não é necessário falar que, por fazer parte de um sistema educativo que tem por base a religião, o primeiro “requisito” de um educador salesiano é ser cristão, pois só assim conseguirá utilizar-se da razão e religião como instrumento para alcançar os objetivos. Outro ponto destacado por Dom Bosco para seus educadores: notória moralidade.

Orientações dadas em seu tratado com relação aos alunos: nunca deixá-los sozinhos, ter sempre presente o assistente junto deles; nunca deixá-los desocupados, pois é nesse momento que podem cometer faltas; dar-lhes ampla liberdade de correr, pular e gritar. Para Dom Bosco “ *os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios são meios eficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde*”.

Outras recomendações: deve-se ter máxima vigilância para que não entrem no Instituto companheiros, livros, pessoas que tenham má influência. Dom Bosco chega a referir em seu tratado sobre a importância da escolha de um bom porteiro em uma casa de educação.

Os educandos também devem frequentar os santos sacramentos, mas não de forma obrigatória. Devem, sim, ser estimulados e ter fácil acesso à eles.

Outra prática frequente nos institutos era a Boa Noite, atualmente traduzida em “Bom Dia” e “Boa Tarde”, como já foi falado anteriormente. Nesse momento o diretor ou alguém designado por ele, professa algumas palavras , dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Dom Bosco recomenda, que nesse momento, seja aproveitado algum acontecimento ocorrido no dia para que se tire alguma lição

de moral. Outra recomendação é que não ultrapasse de dois ou três minutos a alocução.

Os jovens eram preparados para enfrentar a vida de uma maneira séria e responsável, através de recomendações e, concretamente, através do trabalho.

Mas, Dom Bosco exigia dos seus jovens apenas o essencial, o cumprimento de suas obrigações, e oportunizava atividades que pudessem expandir todas as suas energias.

A prática desse sistema, como em qualquer outro, para se obter bons resultados, é necessário que o educador realmente acredite e envolva-se em seus princípios.

4.4 - O Castigo

Dom Bosco parte do princípio que não adianta castigar uma desordem depois de cometida. Para ele, é necessário evitar que o mal aconteça, e isto pode ser feito através de uma vigilância contínua, pelo menos até que a liberdade não esteja suficientemente educada. Essa vigilância deve ser como a de um pai e não como a de um superior.

Auffray faz uma comparação entre este princípio e a ciência moderna “...*Copia os melhores progressos da ciência moderna, que tem mais confiança na higiene que na medicina, e que prefere preservar a curar*”.⁹⁵

Dom Bosco recomendava que evitasse o máximo o uso de castigos. Porém, quando a necessidade o exigia, devia-se seguir alguns procedimentos:

1. *O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração de benevolência é um castigo que desperta a emulação, infunde coragem sem deprimir.*

2. *Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito do que bofetada. O elogio quando uma ação bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.*

3. *Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe de companheiros, empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.*

4. *Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, porque são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.*

⁹⁵ AUFFRAY (s/d), pág. 49.

5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: “Eu não sabia que isso era mandado ou proibido”.⁹⁶

Pedidos enviados por diretores, ecônomos e mestres suscitaram, em Dom Bosco, a necessidade de escrever uma circular sobre os castigos⁹⁷.

Transcrevo-a, na íntegra, para conhecimento de todos. Apesar de sua extensão, considero importante o seu registro neste trabalho, já que é um dos poucos documentos deixados por Dom Bosco sobre a sua prática pedagógica.

⁹⁶ MODESTI (1984), pág. 132. Texto escrito por Dom Bosco em seu tratado “O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens”.

⁹⁷ Ver Anexo 19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Bosco fez a escolha de dedicar sua vida aos meninos pobres, órfãos, o “refugio da sociedade capitalista” se assim pode-se chamar. Traçou o objetivo de mudar a vida desse grupo tirando-os da rua e dando-lhes um lar, uma profissão, uma religião, e assim o fez, transformando-se num educador do povo. A preocupação com os jovens pode ser confirmada em sua fala: *“É preciso impedir a todo custo que rapazes tão jovens acabem nas prisões. Quero ser o salvador dessa juventude”*⁹⁸.

Ao contrário de outros sacerdotes da sua região que *“sentem o problema dos jovens, mas ficam a esperá-los nas sacristias e nas igrejas para o catecismo da tarde...”*⁹⁹ Dom Bosco “arregaçou” as mangas e pensou em algo que pudesse atraí-los. Surge, então, o Oratório Festivo. Daí para frente sua obra não pára mais de crescer, são fundadas as escolas profissionais, os colégios, mas sempre direcionados para meninos e jovens. Mais recentemente os colégios salesianos abriram suas portas para as meninas.

Dom Bosco, mesmo vivendo numa época conturbada, onde a igreja católica sofria ataques de várias facções (liberais, protestantes), seguiu seus ideais sem deixar-se abalar por idéias opostas. Com o tempo o seu ideal passou a ser o ideal da família salesiana que hoje está espalhada por muitas nações, buscando transmitir a educação cristã para as massas juvenis e colaborando para a continuação de sua obra.

Outra característica relevante encontrada em Dom Bosco são os sonhos que teve durante a sua vida.

BOSCO, T. (1993), transcreve um deles o qual se referia ao Brasil¹⁰⁰, mais especificamente à Brasília, o qual inspirou e motivou, até, como

⁹⁸ BOSCO, T. (1993), pág. 143.

⁹⁹Ídem, pág. 143.

¹⁰⁰ Eis um trecho (do sonho): “Entre os paralelos 15 e 20, havia um leito muito largo e extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repentinamente: ‘Quando cavarem as minas escondidas nesses montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível...’” BOSCO, T.(1993), pág. 482.

se sabe, segundo o autor, a sua construção. Completa: *“é por isso que Dom Bosco tem, na nova Capital, a Ermida¹⁰¹, e é um dos Patronos da Cidade”*.¹⁰²

Muitos são os livros que falam sobre a sua vida e obra. Os que possuem princípios católicos exaltam-no, e mesmo os que não o são, fazem sólidas referências à ele. *“A pessoa do fundador dos salesianos tem grande importância dentro do ensino católico contemporâneo... soube imprimir uma maior modernidade aos seus procedimentos educativos”*.¹⁰³ E ainda sobre os salesianos: *“Os salesianos adquiriram rapidamente um enorme desenvolvimento, jamais alcançado em tão pouco tempo por nenhuma fundação religiosa”*.¹⁰⁴

Dom Bosco viu na educação o meio para formar o homem, como bom cidadão e cristão, dando ênfase ao trabalho, pois só assim o jovem conseguiria um futuro mais seguro. Daí a importância, para Dom Bosco, de suas escolas profissionalizantes.

O sistema desenvolvido por ele procurou dar aos jovens liberdade para expressarem-se, divertirem-se, e sem utilizar *“nenhuma violência externa, se sintam inclinados a obedecer-nos”*¹⁰⁵. Para se conseguir esse objetivo o jovem deveria ser conquistado pelo seu mestre através do carinho, amor e atenção.

Acredito que, os jovens que passaram pela vida de Dom Bosco, muito ganharam, em sabedoria e experiências de vida. Num tempo em que os mestres mantinham um certo distanciamento do educando, Dom Bosco veio para mostrar que o educador deve ser amigo, cúmplice, no sentido de estar sempre presente na vida deles, orientando-os e ajudando-os a serem independentes, bons cristãos e honestos cidadãos. Mostrou e demonstrou que a alegria era um fator indispensável para o sucesso da educação. É essa alegria que transformou corações, transformou vidas, transformou a maneira de ver a educação...

¹⁰¹ Ver Anexo 16.

¹⁰² BOSCO, T. (1993), pág. 482.

¹⁰³ Dicionário de Pedagogia Labor, vol. 1, pág. 456-457.

¹⁰⁴ Ídem, pág. 457.

¹⁰⁵ Retirado da Circular sobre Castigos. Ver Anexo 19.

Ainda hoje, essa proposta de educação é mantida nas escolas salesianas, procurando formar um aluno **consciente, autônomo** e acima de tudo, como era da vontade de Dom Bosco, um aluno verdadeiramente **feliz**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Pedagogia de Dom Bosco - através de seus escritos, São Paulo: ed. Salesiana Dom Bosco, 1983.

AUFFRAY, A. **Pedagogia de um Santo**. Trad. José Chorão de Carvalho. Edição do Instituto Salesiano Mogofores, 1930.

BOSCO, Dom. **Circular sobre Castigos** (1883).

BOSCO, Dom. **O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens** (1877).

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco Uma Biografia Nova**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, tradução Hilário Passero, 1993.

Carta de S. João Bosco sobre o Estado do Oratório, (1884).

Centenário Salesiano em Foco, revista mensal n. 3, setembro, 1982.

DEBESSE, Maurice (org) **Tratado das Ciências Pedagógicas 2 - história da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (trad.), 1977.

Dicionário de Pedagogia Labor, volumes 1 e 2, editorial Labor S.A.

Dicionário Biográfico Universal de Autores, volume 2, Artes - Bompiani

Elenco Salesiano das Inspetorias

Enciclopédia Barsa, vol. 9, 1995, págs. 473-474.

Enciclopédia de La Religion Católica, Ediciones Librería, Barcelona,1951, págs. 116-118.

GILES,Thomas R. **Filosofia da Educação**. São Paulo: E.P.U.,1983.

MODESTI, João. **Uma Pedagogia Perene**. 2a. edição, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.

MORAES, José G. **Caminhos das Civilizações - da pré-história aos dias atuais**. São Paulo: ed. Atual, 1993.

NEGRÃO, Ana Maria M. **Arcadas do Tempo: o Liceu tece 100 anos de história**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1997.

PEETERS, Francisca e COOMAN, Maria A.(Madres), **Educação - História da Pedagogia**, São Paulo: ed. Cia. Melhoramentos, s/d.

Proposta Educativa do Sistema Salesiano de Educação.

PALMISANO, Nicola. **Entre os Jovens com Coragem - Dom Bosco e a Marginalização Juvenil**. Coleção Mundo Novo n. 19, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**. 3a. edição, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco - Roteiros de Iniciação**. SDB, 1993.

ANEXOS

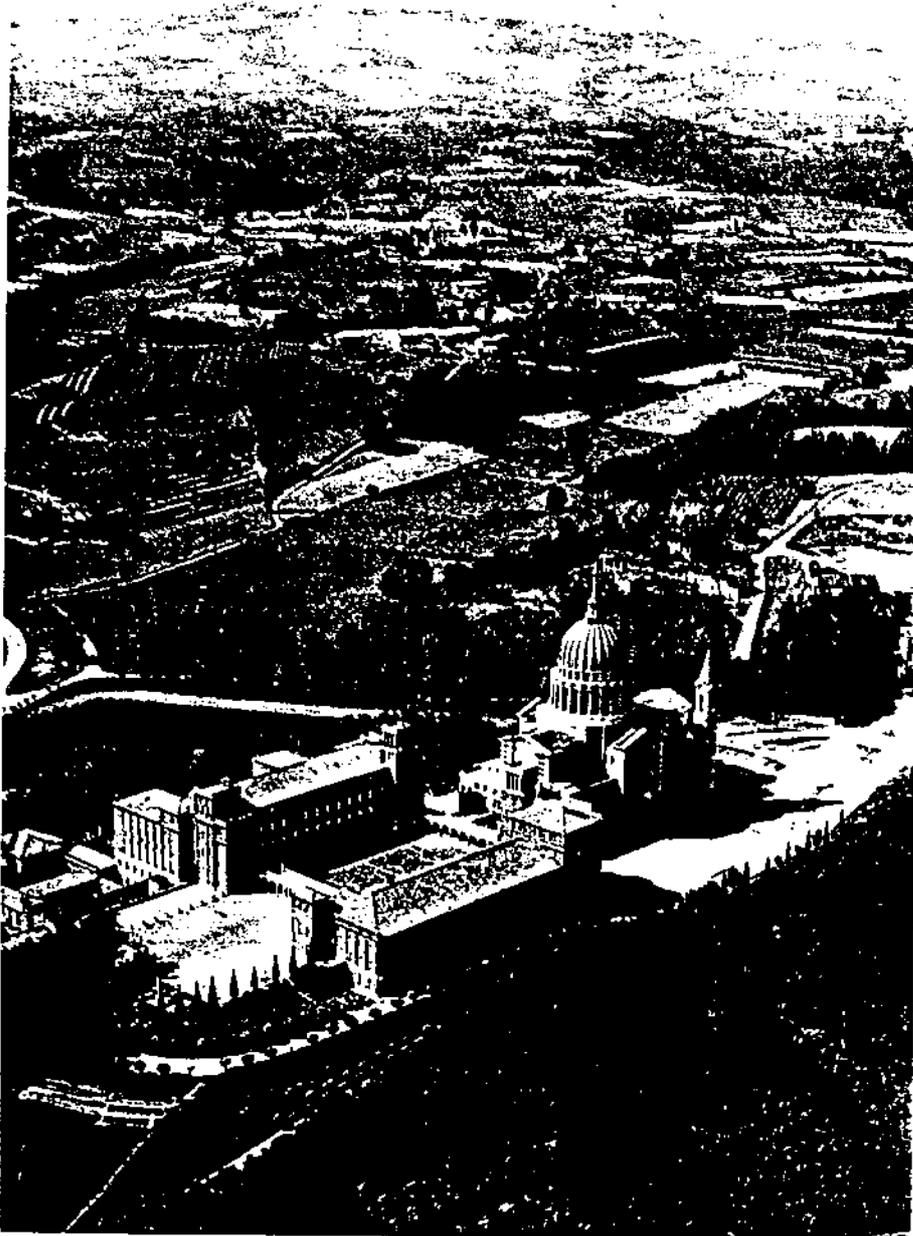
ANEXOS

- 1 - Foto de Dom Bosco
- 2 - Colle Dom Bosco (Antigo Becchi)
- 3 - Mapa do Piemonte
- 4 - Foto da casa onde Dom Bosco passou sua infância
- 5 - Mapa atual da cidade de Turim
- 6 - Foto da propriedade dos Moglia
- 7 - Foto do pátio onde os meninos brincavam no Refúgio
- 8 - Foto de São Pedro in Vincoli
- 9 - Mapa da região de Valdocco e de parte de Turim, em 1846
- 10 - Foto do telheiro Pinardi
- 11 - Foto do Pórtico das "Boas Noites"
- 12 - Foto da Igreja de São Francisco de Sales
- 13 - Desenho da cidadela de Dom Bosco em 1970
- 14 - Mapa indicando as viagens dos missionários salesianos na Am. do Sul
- 15 - Mapa da subdivisão dos Estados Italianos em 1815.
- 16 - Foto da Ermida de Dom Bosco erguida em Brasília.
- 17 - Carta de Dom Bosco sobre o estado do oratório (carta de Roma)
- 18 - O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens
- 19 - Do Modo de Infligir Castigos (circular sobre os castigos)

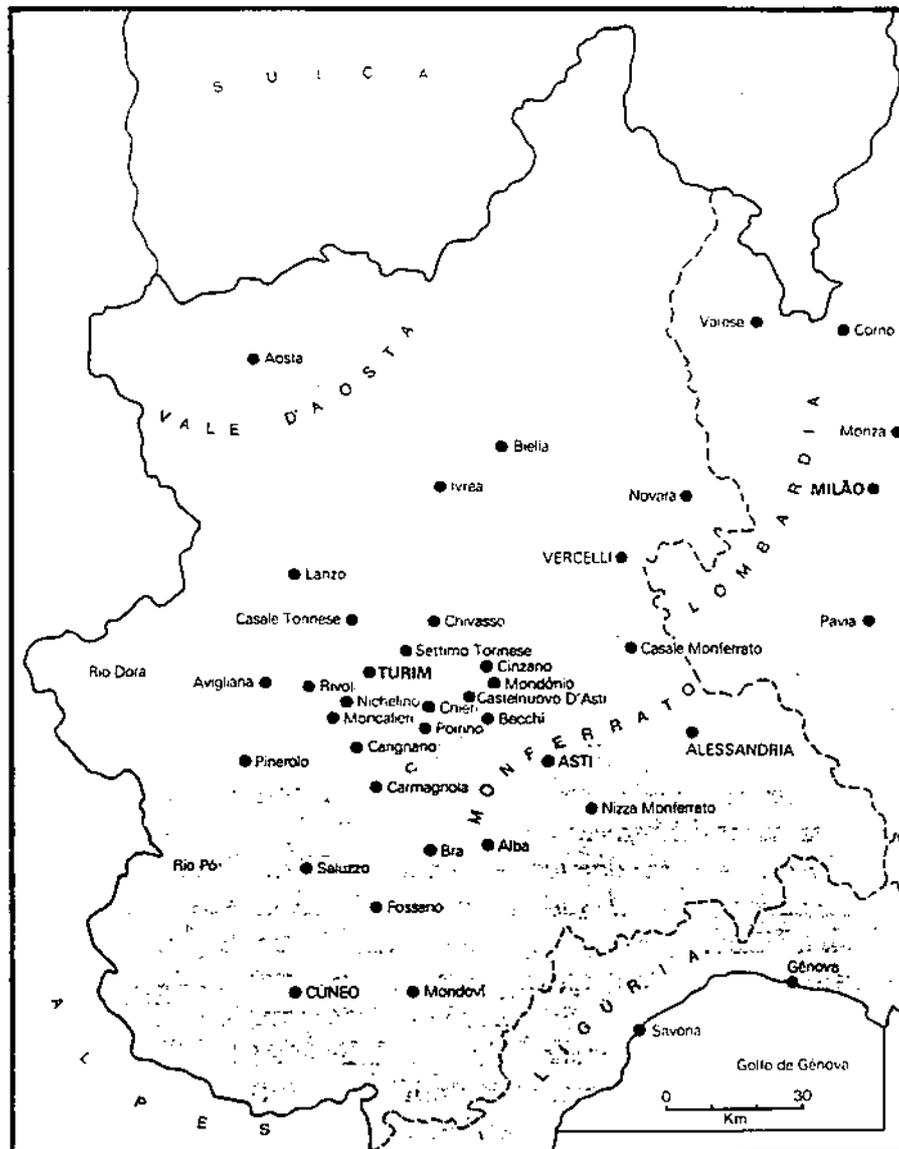
ANEXO I



Fonte: BOSCO, T. (1993), *sm*.

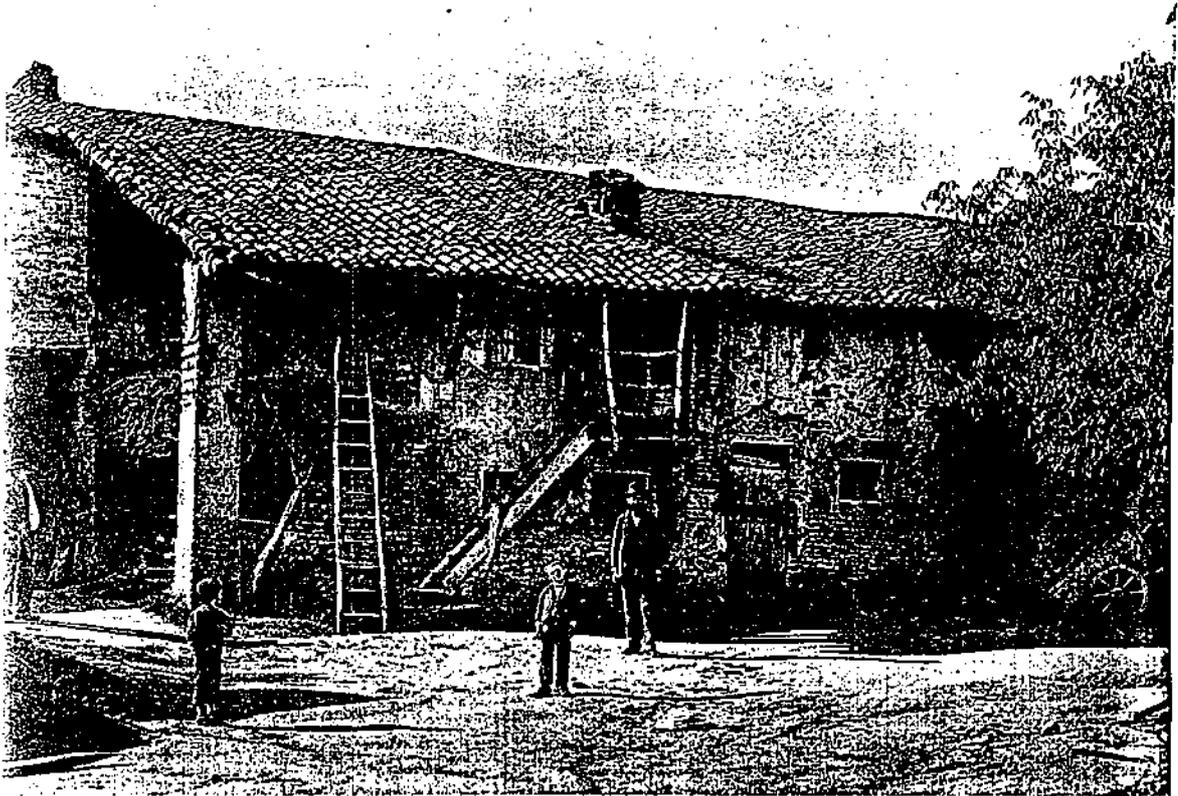


Colle Don Bosco (antigos Becchi).
Foto aérea do Templo de Dom Bosco construído
sobre o local em que Dom Bosco *nasceu*, a uns cem metros
da casa onde Joãozinho *viveu* sua infância.

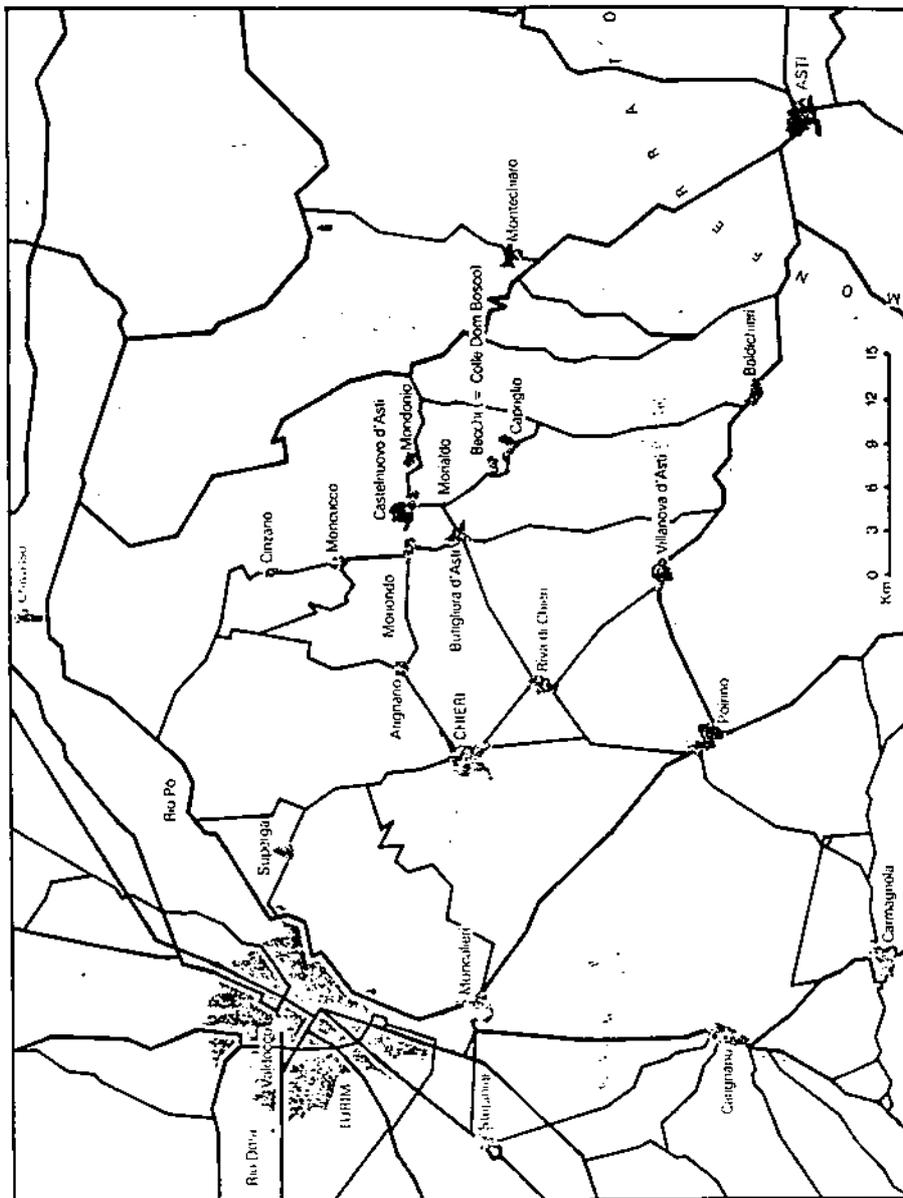


Piemonte.

Fonte: BOSCO, T. (1993), pág. 29.



**Fotografia muito antiga da casa onde
Joãozinho Bosco viveu sua infância.**



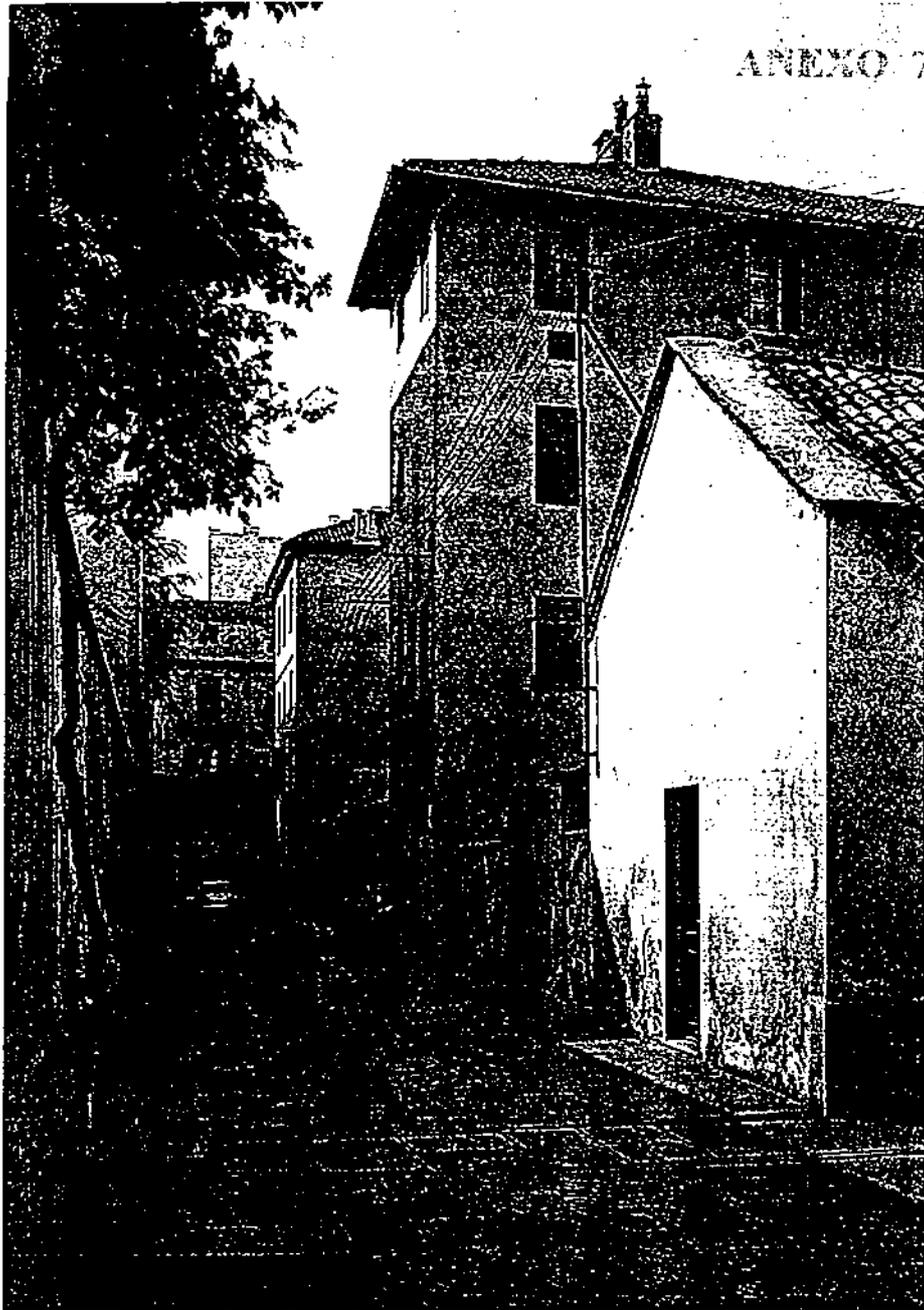
Mapa atual da cidade de Turim, da região do Monferrato e de algumas localidades mais ligadas à vida de Dom Bosco.



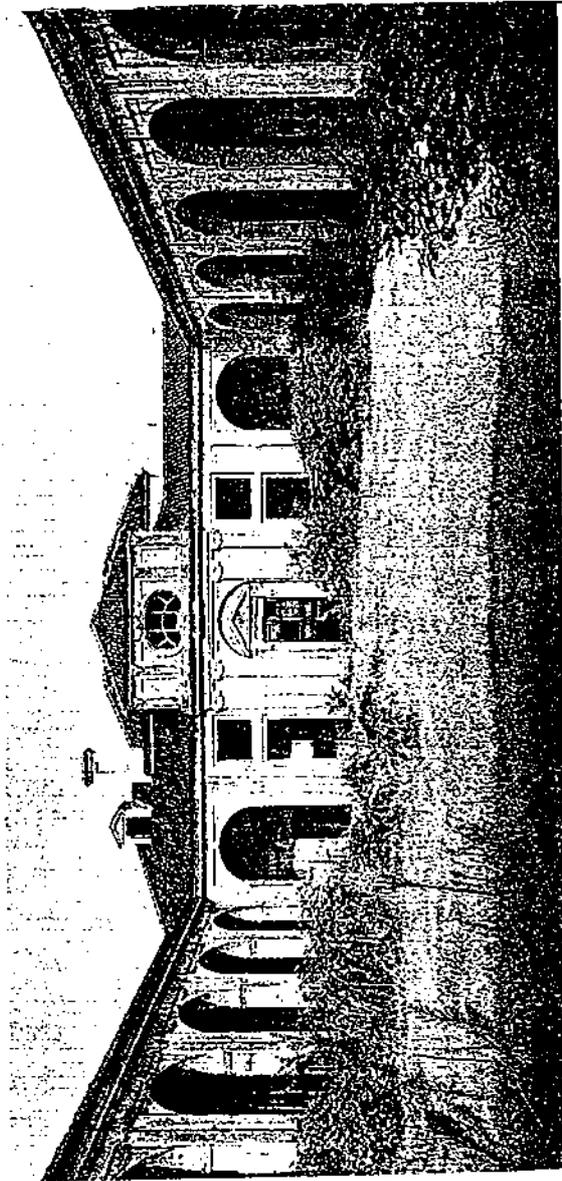
Eira da herdade dos Moglias. Joãozinho Bosco morou na casa em primeiro plano, à esquerda.

ANEXO 6

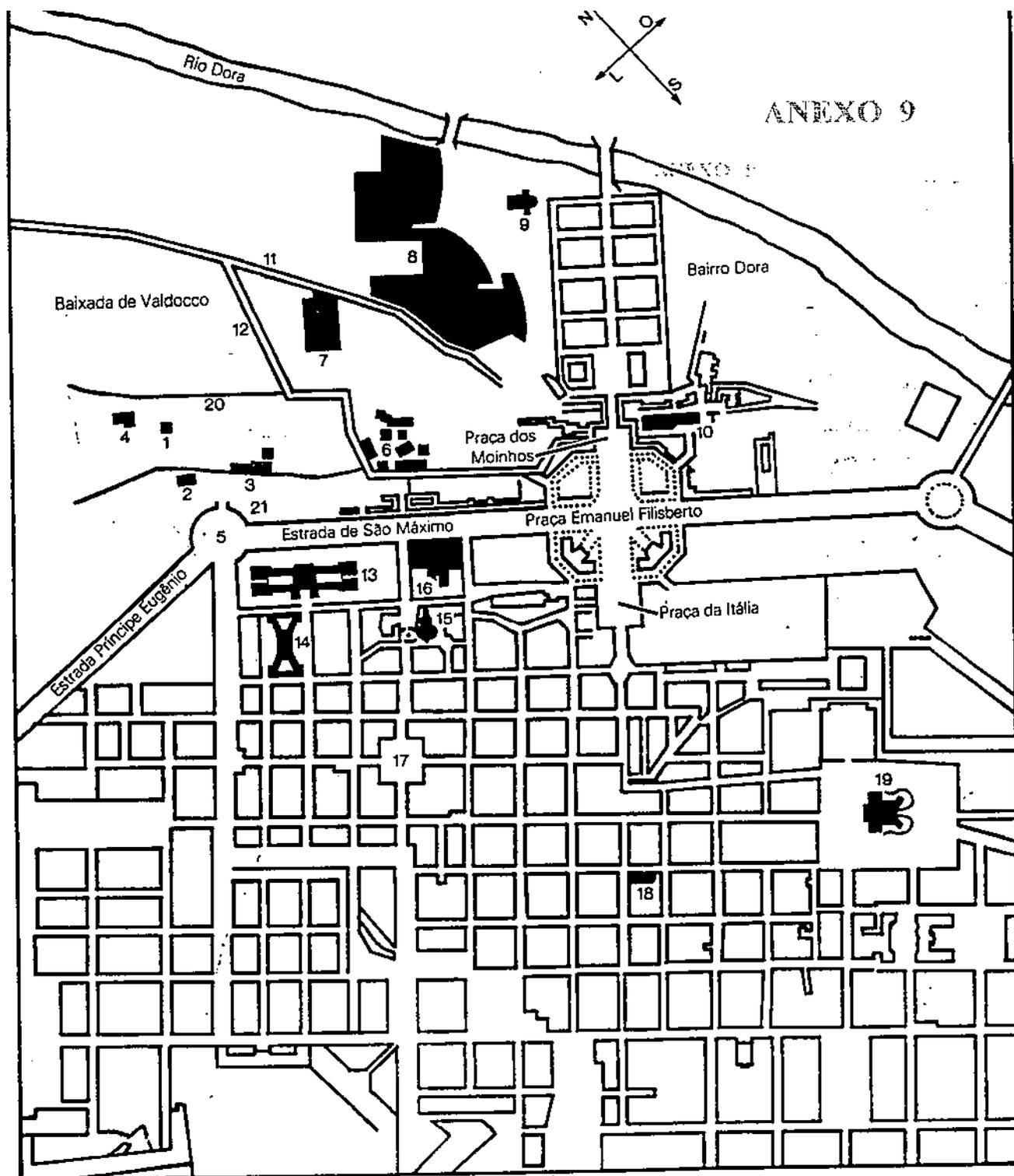
Fonte: BOSCO, T. (1993), *s/v*.



**A estreita viela do Pequeno Hospital
foi o primeiro pátio dos meninos do oratório.**



Capela do cemitério (desativado) de São Pedro in Vincoli.



- | | |
|---|---|
| 1 Telheiro e Casa Pinarci | 12 Canal da fábrica |
| 2 Casa Moretta | 13 Hospital (manicômio) dos Pazzarelli |
| 3 Obras da Marquesa Barolo (Refúgio, Orfanato, etc) | 14 Hospital São Luís |
| 4 Casa Beleza | 15 Santuário de N. S. da Consolata (Consolação) |
| 5 Rondó ou Círculo Valdocco (Praça circular) | 16 Casa-Mãe das Irmãs de Sant'Ana |
| 6 Pequena Casa da Divina Providência (Pe. Cottolengo) | 17 Praça Savóia |
| 7 Igreja e Cemitério de São Pedro "in vinculis" | 18 Igreja de São Francisco de Assis |
| 8 Fábrica de armas | 19 Praça do Castelo |
| 9 Igreja Paroquial de São Simão e São Judas | 20 Canal de Irrigação |
| 10 Moinhos Dora | 21 Padro dos Filippi |
| 11 Canal dos Moinhos | |

**Região de Valdocco, do bairro do Dora
e de parte da cidade de Turim, em 1846.**

Fonte: BOSCO, T. (1993), s/n.



**Reconstrução da primitiva casa Pinardi (vista posterior).
A flecha indica onde era a capela (1846).**

Fonte: BOSCO, T. (1993), pág. 189.



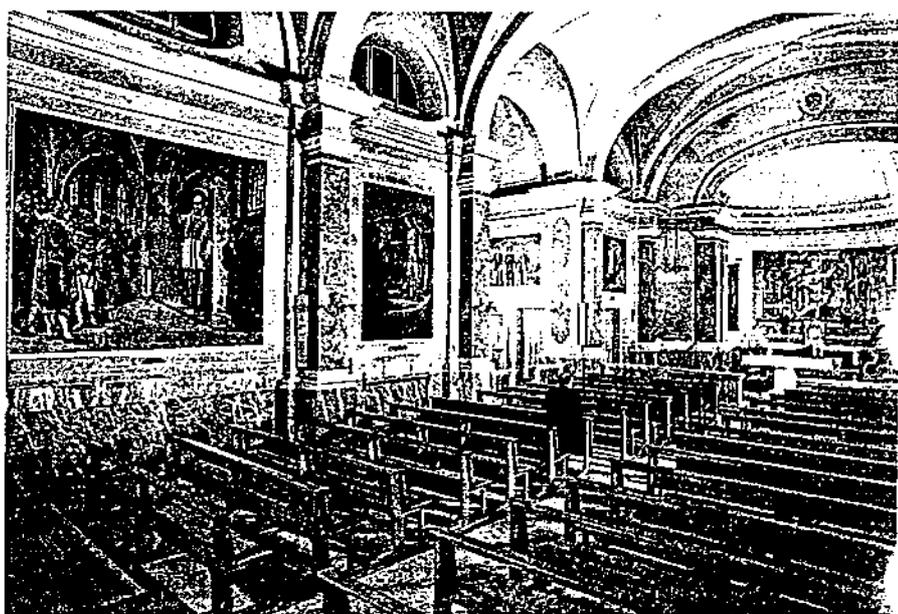
Pórtico das "Boas Noites". Após as orações da noite, antes de deitarem, Dom Bosco dirigia aos meninos breves palavras.

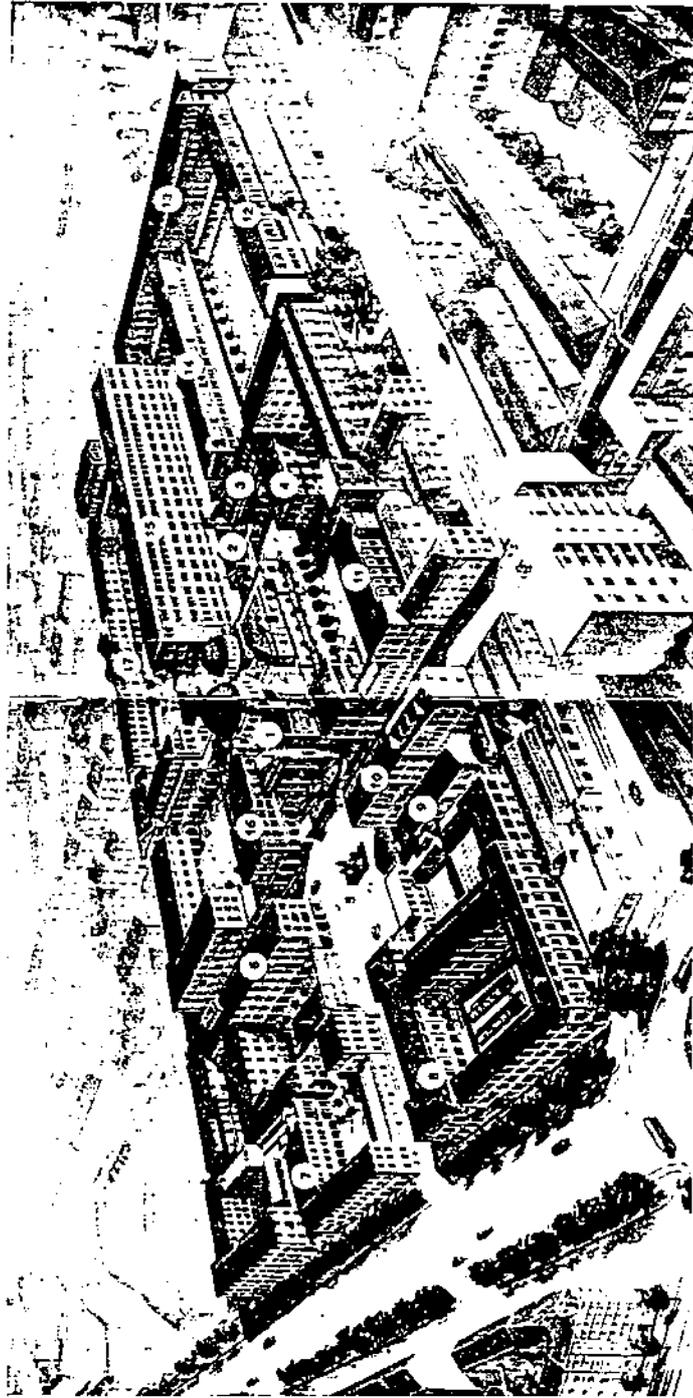
ANEXO 11

Fonte: BOSCO, T. (1993), *sh.*



Igreja de s. Francisco de Sales,
erguida em 11 meses e inaugurada em 1851. Nela,...

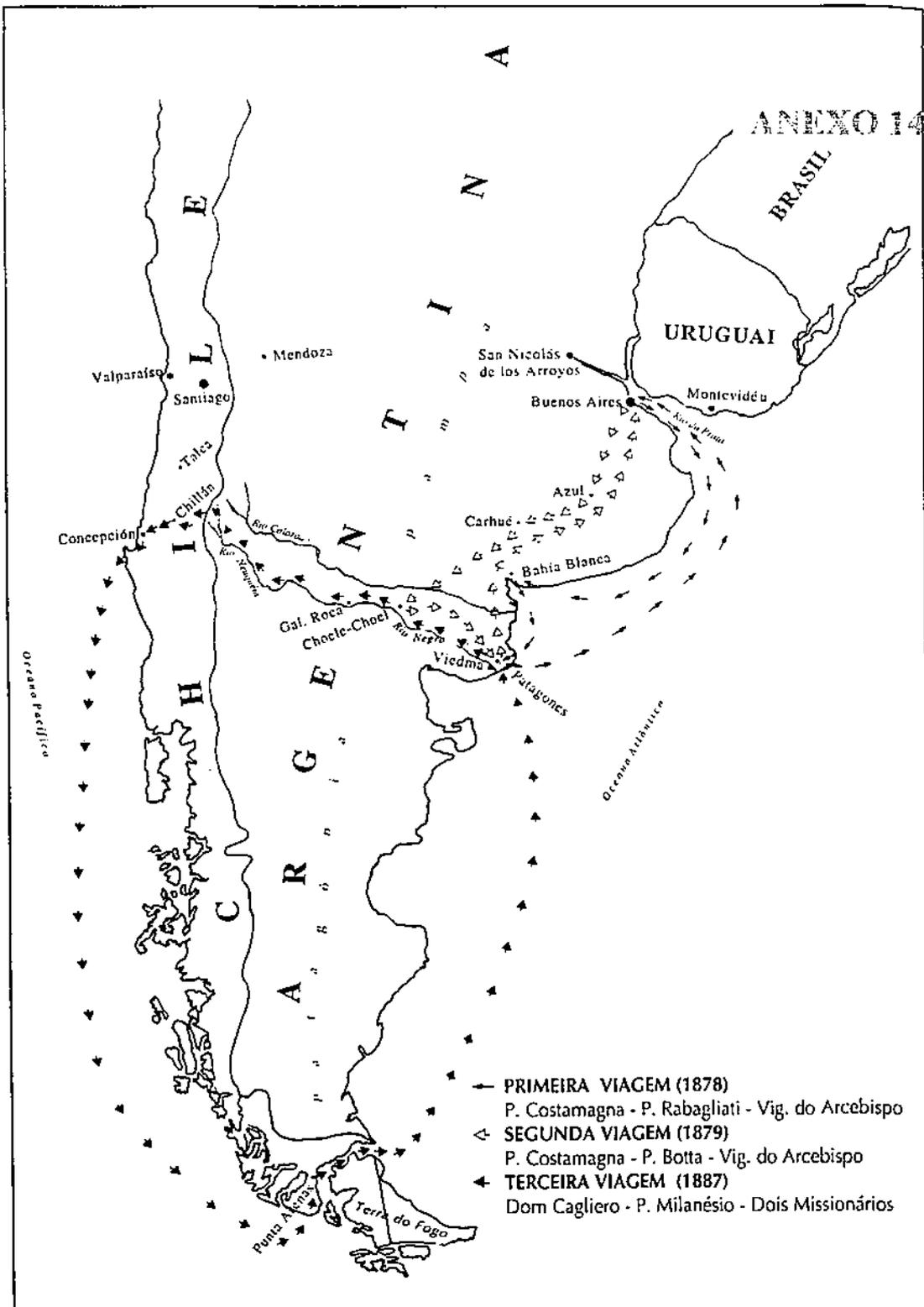




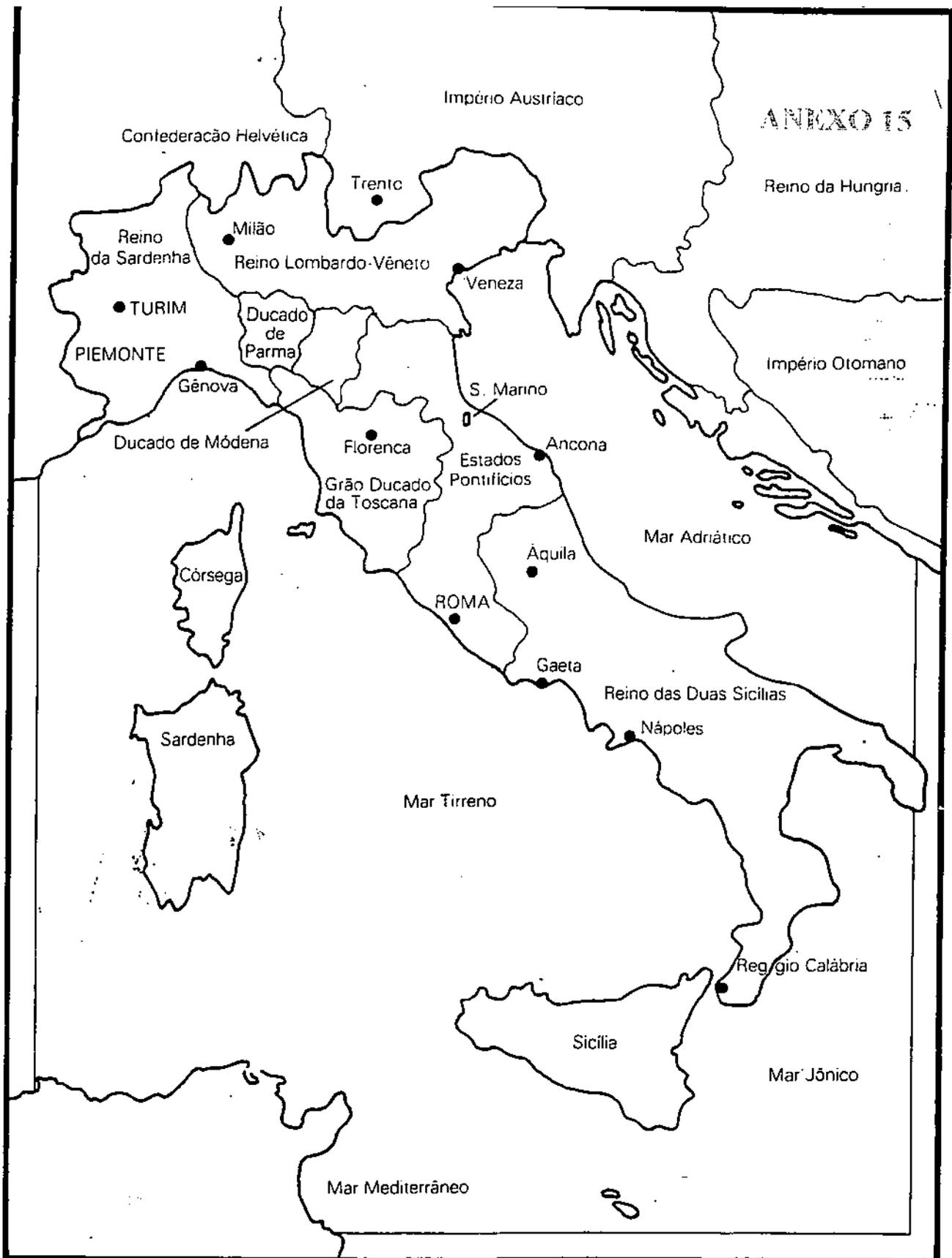
1. Basílica-Santuário de Maria Auxiliadora. — 2. Igreja de S. Francisco de Sales. — 3. Capela Pinardi. — 4. Aposentos onde viveu Dom Bosco. — 5. Monumento a Dom Bosco. — 6. Casa generalícia das F.M.A. — 7. Instituto Feminino "Maria Auxiliadora". — 8. Sociedade Editora Internacional. — 9. Igreja sucursal da Paróquia de Maria Auxiliadora. — 10. Casa Paroquial. — 11. Direção Geral das Obras de Dom Bosco. — 12. Aulas para os alunos internos. — 13. Teatro. — 14. Oficinas das Escolas Profissionais. — 15. As oficinas de Mecânica e Eletromecânica. — 16. Oficinas de Tipografia e Encadernação. — 17. O Primeiro Oratório Festivo.

A Cidadela de Dom Bosco nos anos de 1970: os sonhos "loucos" plenamente realizados.

ANEXO 13



Viagens dos Missionários Salesianos.

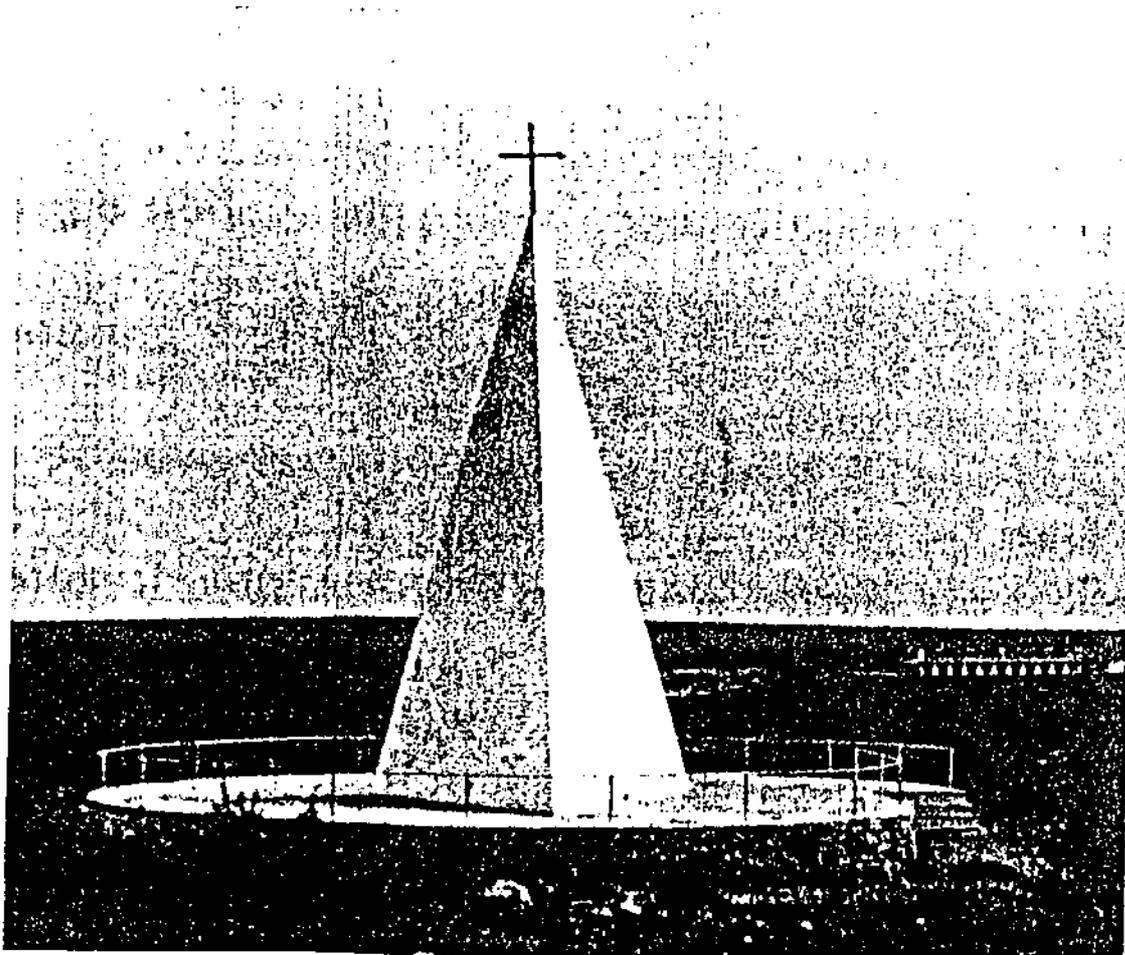


**Subdivisão dos Estados Italianos
depois do Congresso de Viena (1815).**

Fonte: BOSCO, T. (1993), pág. 28.

A ermida de S. João Bosco, levantada no sítio de Brasília quando se iniciou a construção da nova capital brasileira.

Jorge Ferreira --- O Cruzeiro



ANEXO 17

Carta de S. João Bosco Sobre o Estado do Oratório (Carta de Roma)

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Perto ou longe, eu penso em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar.

Desejaria por isso escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram.

Todavia ainda que faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente.

São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai.

Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me dareis atenção e poreis em prática o que estou por dizer-vos.

Afirmo que sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas havia-me recolhido no quarto, e enquanto me dispunha a repousar, havia começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou.

Nesse momento, não sei bem se tomado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me que se apresentavam diante de mim dois antigos jovens do oratório.

Um deles aproximou-se e saldando-me afetuosamente me disse:

- Ó Dom Bosco! Conhece-me?

- Se te conheço - respondi.

- E lembra-se ainda de mim? - acrescentou o homem.

- De ti e de todos os outros. És Valfrè e estavas no oratório antes de 1870.

- Diga - continuou ele - quer ver os jovens que estavam no oratório no meu tempo?

- Sim, mostra-me - respondi - isso vai dar-me grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo oratório, na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava quem fazia pular. Aqui brincava-se de rã, de barra, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutra um clérigo no meio de outros meninos brincavam de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda a parte encontrava-se padres e clérigos, e ao redor deles, jovens divertindo-se alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo, e eValfrè me disse:

-Veja, a familiaridade traz afeto e o afeto produz confiança. Isto é que abre os corações e os jovens manifestam tudo sem temor aos professores, assistentes e superiores. Tornam-se

sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que por ventura lhes mandar aquele de quem tem certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba branca e me disse:

- Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no oratório? - Era José Buzzetti.

- Sim - respondi - porque há já um mês que não os vejo!

E apontou-os para mim: vi o oratório e todos vós no recreio. Mas não ouvia mais gritos de alegria e cantos, não via mais o movimento e a vida da primeira cena.

Nos modos e no rosto de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, desgosto, desconfiança, que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se, com feliz despreocupação, mas outros não poucos via-os sozinhos, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na varanda perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos, falando baixinho entre si, lançando ao redor olhares desconfiados e maldosos: sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que S. Luís haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam, alguns havia tão enfiados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

- Viu seus jovens? - disse-me o ex-aluno.

- Vejo-os - respondi suspirando.

- Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! - Exclamou o ex-aluno.

- É pena! quanta falta de vontade nesse recreio!

- De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos sacramentos, o desleixo das práticas de piedade da igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de tanto bem para o corpo, para a alma e para a inteligência. De aí não correspondem muitos à sua vocação; de aí a ingratidão para com os superiores; de aí os segredinhos e as murmurações, com todas as demais deploráveis consequências.

- Compreendo, entendo - respondi. - Mas como reanimar estes meus caros jovens, que para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

- Com o amor!

- Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e terei no decorrer de vem quarenta anos, e quanto suporte e soffro mesmo agora. Quantos trabalhos, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes o pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

- Não falo do senhor!

- De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem seus anos de juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

- Vejo, reconheço; mas isso não basta: falta o melhor.

- Quem é que falta , então?
- Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.
- Mas, afinal, não tem olhos? Não tem a luz da inteligência? Não vêem que tudo o que se faz por eles é tudo por amor deles?
- Não, repito, isso não basta.
- Que é preciso então?
- Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, com o participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, quais sejam as disciplinas, o estudo, a mortificação de si mesmo; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.
- Explica-te melhor!
- Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi:

- E que há de especial para ver?
- Haja tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se achavam entre os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores não eram mais a alma do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocuparem absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem raramente. Havia algum salesiano que gostaria de introduzir-se em algum grupo de jovens, mas vi que os jovens procuravam propositalmente afastar-se dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou:

- Nos velhos tempos do oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles bons anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.
- Certamente! E então tudo era alegria para mim e os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me e ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, a multiplicação dos negócios e minha saúde não me permitem.
- Está bem: mas se o senhor não pode, porque seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?
- Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.
- E então descuidando o menos, perdem o mais e esse "mais" são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos superiores agrada. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no oratório é que bom número de jovens não têm confiança nos superiores. Antigamente os corações eram abertos aos superiores, a quem os jovens

amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são pois temidos e pouco amados. Por isso se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie pois a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no oratório a paz e a antiga alegria.

- Como fazer então para romper a barreira?

- Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou-se com nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O mestre visto apenas na cátedra é mestre e nada mais, mas se está no recreio com os jovens, torna-se irmão.

Se alguém é visto somente a pregar do púlpito dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever, mas se diz uma palavra no recreio, é a palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram alguma palavrinha sua dita improvisamente aos ouvidos de um jovem no instante em que se divertia! Quem sabe que é amado, ama, e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem fadigas, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida nem apagou a chama a fumar. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para vingar o amor próprio ofendido; retirar-se do campo da vigilância tão somente por ciúmes de temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais; superiores, ganhando nada mais que hipócritas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura, e, para fazer-lhe corte, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de preocupar se não da glória de Deus e da salvação das almas. Quando elanguesce o amor, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da observância das regras de formação que Dom Bosco lhes deu? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos ascendem ódios e geram desgostos; se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se quiser pois que o oratório volte a antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: o superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a providência lhe confiou.

Então os corações não serão mais fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr o perigo de expulsar da casa um inocente que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa a Deus.

Então indaguei:

- Qual é o meio mais indicado para que triunfem semelhante familiaridade e semelhante amor e confiança?
- A observância exata das regras da casa.
- E nada mais?
- O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir despertei.

Encontro-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiante, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, que me cansam demais.

No dia seguinte sentia-me todo alquebrado e não via a hora de descansar na noite seguinte. Eis, porém, que apenas me deitei o sonho recomeçou. Tinha a frente o pátio, os jovens que atualmente estão no oratório, e o mesmo aluno do oratório.

Comecei a interrogá-lo:

- Comunicarei aos salesianos o que me dissestes; mas o que devo dizer aos jovens do oratório?

Respondeu-me:

- Que reconheçam quanto os superiores, professores e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles não se havia de sujeitar a tantos sacrifícios; que se lembrem ser a humildade a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, por que a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz consigo nem com os outros.

- Queres me dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

- Está é a primeira causa do mau humor, entre outras que o senhor sabe, a que deve remediar e que não é preciso que agora lhe diga. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, rebelde à obediência, irrita-se por um nonada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

- Entretanto, meu caro, não Vês quanta frequência de confissões e comunhões há no oratório?

- É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas

faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai assim para frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz, e se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

- E há muitos desses no oratório?

- Poucos em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções; tomar propósitos não com palavras; mas com fatos, e demonstrar que os Comolos, os Domingos Sávios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

- Não tem mais nada a dizer-me?

- Pregue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria SS. Auxiliadora. Que Ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem glória a Deus e a Ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre os jovens e os superiores e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

- E conseguiremos deitar abaixo essa barreira?

- Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes eu continuava olhar meus juvenzinhos, e ao espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu vi gostaria ainda de contar-vos, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Concluo. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho que gastou toda a sua vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções retomem os dias felizes do oratório primitivo. Os dias do amor e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de serdes recebidos no oratório. Diante de Deus declaro: Basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos pois todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó

meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deverei separar de vós e partir para minha eternidade. Desejo portanto deixar-vos ó padres, ó clérigos, ó jovens caríssimos, palmilhando o caminho do Senhor, em que Ele próprio vos deseja.

Para tal fim o Santo Padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo coração sua bênção. No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda solenidade, e o Pe. Lazzeri e o Pe. Marchisio providenciem para que estejam todos alegres no refeitório também. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar todos juntos um dia no Paraíso.

Roma, 10 de maio de 1884.

Vosso Af. em J.C.

Sac. João Bosco

ANEXO 18

O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens

Fui instado várias vezes a expressar, verbalmente ou por escrito, o meu pensamento sobre o chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas Casas. Por falta de tempo, não pude ainda satisfazer esse desejo. Queremos agora imprimir o Regulamento, que até hoje tem sido usado quase sempre tradicionalmente entre nós, julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um tratadinho que estou elaborando, se Deus me der vida para levá-lo a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e porque se deve preferi-lo; sua aplicação prática e vantagens.

1. EM QUE CONSISTE O SISTEMA PREVENTIVO E POR QUE SE DEVE PREFERI-LO

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer com que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme às leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tomar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O sistema apoia-se todo inteiro na razão, na religião e no carinho. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

1. O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita nem pelo castigo ameaçado, ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

2. A razão mais essencial é a volubilidade do menino, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que o ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um menino culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado se uma voz amiga o tivesse advertido.

3. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.

4. O sistema Preventivo predispões e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer depois. Conquistando o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou empregos públicos, ou no comércio.

Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

2. APLICAÇÃO DO SISTEMA PREVENTIVO

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: "Caritas patiens est, benigna est... omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet" (A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo).

Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los , praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem de suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estirem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes deve ser notória. Esforçam-se eles por evitar como a epidemia toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um Instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os, alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixe desocupados.

Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas não sejam repreensíveis.

"Fazeis quanto quiserdes", dizia o grande amigo da juventude, São Felipe Neri, "a mim me basta não cometais pecados".

A confissão frequente, a comunhão frequente e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara. Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos sacramentos, mas animem-se apenas, e se lhes proporcione felicidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismo, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da religião que oferece meios tão fáceis, tão úteis a sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulem-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade, e cumpram-nas de boa vontade, com prazer e fruto.

Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no Instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

Todas as noites, após as orações de costumes e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano à sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costuma dar-se às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto preza à Igreja sejam os meninos admitidos mais cedo a santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste a reinar nessa alma abençoada.

Os catecismos recomendam a comunhão frequentemente: S. Felipe Neri aconselhava-a a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claro que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa missa, façam também a comunhão não só espiritual, mas ainda sacramental, afim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (Concílio Tridentino, Sess. XXII, cáp. VI).

3. UTILIDADE DO SISTEMA PREVENTIVO

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos toma-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo a sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos, por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incomodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica de seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

1. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos.

Esses alunos, para onde quer que andem, são, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

2. Qualquer que seja o carretar, a índole, o estado moral do aluno a ser admitido, podem os pais viver consagrados que seu filho não vai piorar, e considerar-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, meninos ouve que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e até rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses princípios mudaram de índole e caráter, começaram vida de bons costumes, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tomando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.

3. Os alunos que por acaso entrassem num Instituto com maus hábitos, não podem prejudicar aos seus companheiros. Nem os meninos bons poderão ser por eles contaminados, por que não haveria tempo nem lugar nem ocasião, pois o assistente, que supomos em ação, logo lhes acudiria.

4. UMA PALAVRA SOBRE OS CASTIGOS

Qual a norma para se aplicar castigos? Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exige, observe quanto segue:

1. O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração de benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

2. Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito do que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

3. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe dos companheiros, empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.

4. Bater, de qualquer modo que seja, por de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, por que são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.

5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: "eu não sabia que isso era mandado ou proibido".

Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio que poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. A quarenta anos mais ou menos que trato com a juventude e não me lembro de ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda mais, o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

ANEXO 19

Circular sobre os castigos

Meus caros filhos

Chegam-me, com frequência, de muitos lugares, pedidos insistentes, para que exponha aos diretores, ecônomos e mestres, algumas normas que os orientem nos casos delicados de ser preciso aplicar algum castigo. Vós bem sabeis em que tempos vivemos e que a mais pequena imprudência poderia trazer consigo gravíssimas consequências.

No desejo, portanto, de atender a tais pedidos e livrar-nos de não leves dissabores, e no desejo, ainda mais vivo, de que se alcance o maior bem possível em favor dos jovens, pela Divina Providência confiados aos nossos cuidados, quero apresentar-vos algumas diretrizes que muito vos poderão ajudar na santa e difícil obra da educação religiosa, moral e científica dos vossos alunos, se procurardes pô-las em prática, como espero.

O sistema tradicional entre nós é o chamado Sistema Preventivo, o qual consiste em dispor de tal maneira o ânimo dos alunos que, sem nenhuma violência externa, se sintam inclinados a obedecer-nos. Lembrai-vos que, segundo este sistema, são reprovadas as medidas coercitivas, às quais sempre e exclusivamente se devem preferir os meios da persuasão e da caridade.

Já que a natureza humana, demasiado propensa ao mal, tem por vezes de ser tratada com severidade, acho bem propor-vos alguns meios que, com o auxílio de Deus, espero vos conduzirão a um fim consolador. Antes de tudo, se queremos ser considerados como verdadeiros amigos do bem dos nossos alunos e levá-los a cumprir seus deveres, importa ter sempre presente que representamos os pais desta querida juventude, que foi sempre o termo objetivo das minhas ocupações, dos meus cuidados, do meu ministério sacerdotal e da nossa Congregação Salesiana. Ora, para serdes verdadeiros pais dos vossos alunos, o vosso coração deve ser paterno e deveis evitar o uso irracional e injusto da repressão ou do castigo. Se alguma vez tiverdes de castigar, seja como quem procede contrafeito e só levado pelo dever.

Vejam os quais os verdadeiros motivos que justificam as medidas repressivas, quais os castigos que se devem aplicar e por quem devem ser aplicados.

Nunca apliqueis castigos senão depois de esgotados todos os outros meios

Quantas vezes, meus caros filhos, através de uma longa prática educativa, tive de persuadir-me desta grande verdade! É mais fácil, sem dúvida, ceder à ira, do que exercitar a paciência: ameaçar uma criança, do que persuadi-la. É mais cômodo para a nossa impaciência e para nossa sabedoria castigar os que nos resistem do que corrigi-los: suportando-os com benigna firmeza.

A caridade que vos recomendo é a que usava S. Paulo para com os fiéis recém-convertidos à Religião de Jesus Cristo, que muitas vezes o faziam chorar e lastimar-se quando via que não eram dóceis e não correspondiam ao seu zelo. Por isso, lembro a todos os diretores que se deve começar pela correção paterna, feita em particular, ou, como se costuma dizer, *in camera charitatis*.

Em público, nunca repreender ninguém a não ser para impedir ou reparar um escândalo.

Se depois da primeira admoestação não se notar melhoria alguma, é conveniente recorrer à meditação de outro superior que tenha sobre o culpado algum ascendente. É nunca nos esqueçamos de pedir as bênçãos de Deus.

Queria que o Salesiano fosse como Moisés, na sua solicitude de aplacar o Senhor, justamente indignado contra Israel, seu povo escolhido.

Tenho verificado que raramente aproveita um castigo repentino e infligido antes de se empregarem outro meios. Não há nada, diz S. Gregório, que melhor consiga render um coração, o qual se assemelha a uma cidade inexpugnável, que do o afeto e a doçura; sede firmes, na prossecução do bem e impedir o mal. Mas ao mesmo tempo mansos e prudentes. Sede perseverantes e bondosos, e Deus vos tomará senhores até dos corações menos dóceis.

Bem sei que esta perfeição não é fácil encontrá-la nos mestres e assistentes, sobretudo novatos. Estes não se resignam a adotar os processos mais consentâneos à índole dos alunos, preferindo a aplicação de castigos físicos, que nada resolvem, ou uma atitude de indiferença perante a indisciplina.

Eis o motivo por que vemos muitas vezes alastrar o mal, e insinuar-se o descontentamento, mesmo entre os melhores, tomando-se nulo o resultado da correção.

Permiti que vos apresente, de novo, o exemplo da minha própria experiência. Deparei muitas vezes com feitiços tão renitentes, e refratários à mais leve advertência, que já não me davam nenhuma esperança de emenda, e só se me afigurava inevitável o recurso a medidas severas. E, não obstante, consegui rendê-los à caridade.

Parecer-nos-á, não raro, que este ou aquele rapaz não tirará proveito da nossa correção, quando, afinal, no mais íntimo da sua alma, está admiravelmente disposto a secundar-nos.

Seria desastrosa a nossa ação, se usássemos dum mal entendido rigor, pretendendo que o culpado se emendasse imediata e seriamente da sua falta. Dir-vos-ei antes de mais nada, que semelhante falta, para ele, talvez seja menos grave do que vós pensais, e que, se a cometeu, foi mais por irreflexão do que por maldade. Muitas vezes, tendo eu mandado chamar alguns destes pequenos insurretos, e havendo-lhes perguntado, com bons modos, por que se mostravam tão indóceis, a resposta foi que procediam assim por terem sido tomados de pronta, com se costuma dizer, ou por serem perseguidos por este ou por aquele superior. Informando-me depois, com calma, acerca do que se passara, pude verificar que a culpa diminuía consideravelmente e algumas vezes desaparecia quase por completo. Tenho de confessar, com tristeza, que, na pouca submissão desses tais nós próprios não estávamos nunca isentos de responsabilidades. Verifiquei, muitas vezes, que os mais rigorosos em exigir dos seus alunos silêncio, exatidão, obediência pronta e cega, eram precisamente aqueles que nenhum caso faziam das salutares admoestações que eu e os demais superiores tínhamos por dever fazer-lhes. E tive de me convencer que os professores mais intransigentes com os alunos são os menos severos para consigo mesmos.

Por conseguinte, se queremos saber mandar, temos primeiro de saber obedecer, procurando impor-nos mais com o amor do que com o temor.

Quando, porém, se tornarem necessárias medidas repressivas, e conseqüentemente a mudança de sistema, uma vez que certas índoles só com o rigor se podem dominar, cumpre fazê-lo de tal maneira que não apareça o mínimo sinal de paixão.

Procurai escolher para a correção o momento oportuno

De acordo com o que diz o Espírito Santo, que “cada coisa tem o seu tempo”, diante de alguma destas dolorosas necessidades, impõe-se também uma grande prudência, sabendo escolher o momento propício.

É que as doenças da alma requerem, pelo menos, os mesmos cuidados que a do corpo. Na mais perigoso que um remédio mal aplicado ou aplicado fora do tempo. Um médico prudente aguarda que o enfermo esteja em condições de se aproveitar dele, sabendo escolher o momento favorável. E nós só aprenderemos a agir de igual modo, através da experiência acompanhada de uma grande bondade.

É preciso, antes de mais nada, que estejais senhores de vós mesmos, e não haja o mínimo de mau humor ou mau gênio, alias perdereis a autoridade e o castigo tomar-se-ia nocivo.

É bem mais significativa a famosa observação de Sócrates a um escravo, com quem não estava satisfeito: se não estivesse irado, bater-te-ia. Esses pequenos psicólogos, que são os nossos alunos, descobrem, a mais pequena e leve alteração do rosto ou da voz, se foi o zelo do dever ou o ardor da paixão que acendeu em nós aquele fogo. Neste último caso, não seria preciso mais nada para anular o fruto do castigo. Embora pequenos, eles descobrem e percebem muito bem que só a razão é que direito de os corrigir.

Em segundo lugar, não castigueis ninguém no próprio instante em que aconteceu a falta, para que não suceda que, não podendo ainda confessar sua culpa, vencer a paixão e avaliar toda a importância do castigo, não se exaspere, vindo a cometer novas e mais graves faltas ainda.

É preciso dar-lhe tempo de refletir, de entrar em si, de medir o alcance do erro, e de sentir, então, que é justo e necessário o castigo. Só assim lhe aproveitará.

Sempre me impressionou a atitude do Senhor para com S. Paulo, numa altura em que este se encontrava ainda spirans irae atque minarum (sob o império da ira e da violência) contra os cristãos. Parece-me ser esta a norma que devemos seguir sempre que estejamos diante de certos corações recalcitrantes contra a nossa vontade. Não é imediatamente que o bom Jesus o derruba, mas só depois de uma longa viagem, depois de lhe haver dado tempo de refletir sobre os seus atos, longe daqueles que poderiam incitá-lo a continuar na luta contra os cristãos. É só às portas de Damasco que se lhe manifesta com toda a sua autoridade e poder, e é unindo a força a mansidão que lhe abre a mente e lhe faz conhecer o erro em que labora. E foi precisamente neste momento que se operou a mudança no espírito de Paulo, passando de perseguidor de cristãos a Apóstolo das gentes e vaso de eleição.

Quisera eu que os meus caros Salesianos se formassem a luz desse divino exemplo e que, cheios de paciência e de caridade industriosa, aguardassem, em nome de Deus, o momento oportuno para corrigir os seus alunos.

Afastai das vossas atitudes qualquer indício de paixão

Quando se castiga, é difícil manter a calma requerida para afastar a suspeita se que se age sobre o impulso de fazer valer ou desafogar a paixão. E quanto mais fortemente esta se faz sentir, menos se dá por isso. O coração paternal, que se nos pede, condena tal modo de proceder.

Consideramos como filhos aqueles sobre quem tenhamos de exercer alguma autoridade. Ponhamo-nos quase ao seu serviço, como Jesus, que veio para obedecer e não para mandar, evitando o mínimo assomo de prepotência.

Quanto mais inclinados sentimos a dominá-los, tanto mais solícitos devemos ser em servi-los . Assim fazia Jesus com seus Apóstolos, suportando-lhes a ignorância, a rudeza e a pouca fidelidade. Assim fazia com os pecadores, aquém tratava com tanta intimidade e carinho, que uns ficavam estupefatos, outros quase escandalizados, enquanto em muitos outros nascia a esperança de obterem o perdão de Deus. Por isso nos disse que aprendêssemos dEle a ser mansos e humildes de coração. Uma vez que são nossos filhos, evitemos toda a ira, quando tenhamos de castigar as suas faltas ou ao menos moderemo-la, de maneira que pareça inteiramente dominada.

Nenhuma agitação do espírito, nenhum desprezo nos olhos, nenhuma injúria nos lábios. Mas mostrem-nos compassivos no momento da falta e cheios de confiança no futuro, e seremos então verdadeiros pais, aproveitando-lhes com a correção que lhe fazemos.

Em casos verdadeiramente graves, é mais proveitoso o recurso a Deus e um ato de humildade diante dEle, do que uma explosão de palavras, pois estas, além de por um lado só indisparem aquém as ouve, por outro, nenhum efeito produzem as quem merece ouvir.

Lembremo-nos do nosso Divino Redentor, que perdoou aquela cidade que não quis recebê-lo dentro de seus muros, não obstante as insinuações de honra ultrajada por parte daqueles dois apóstolos zelosos, que folgariam de vê-la fulminada por um justo castigo.

O Espírito Santo recomenda-nos esta calma com aquelas sublimes palavras de Davi: Irascimini et nolite peccare (se não vos irardes, não pequeis) .

Se vimos que a nossa ação fica muitas vezes frustrada, e que os frutos dos nossos suores não passam de abrolhos e espinhos, crede, então, meus caros filhos, que a culpa se deve atribuir ao nosso defeituoso sistema disciplinar.

Acho desnecessário deter-me a referir-vos aquele caso em que Deus quis dar uma lição mestra ao seu profeta Elias, que tinha um não sei que de comum com algum de nós, no ardor pela causa de Deus, e no zelo inconsiderado em reprimir o alastrar dos escândalos na casa de Israel. Deixo, aos vossos superiores a oportunidade de vô-lo referirem com todos os pormenores, como vem no Livro dos Reis. Eu contento-me com sublinhar nele a última frase, que tão bem enquadra ao vosso ver: Non in commotione Dominus (3Rs 19,11), e que santa Tereza traduzia assim: "Nada te perturbe".

O nosso querido S. Francisco de Sales como sabeis, tinha-se imposto a regra severa de sua língua não proferir uma só palavra enquanto tivesse coração agitado. Costumava dizer, de fato: "Receio perder, num quarto de hora, a pouca doçura, que durante vinte anos, procurei entesourar,

gota a gota, como orvalho, no vaso do meu coração. Uma abelha emprega vários meses em fabricar um pouco de mel, que um homem engole, dum trago”.

Além disso, de que serve falar a quem não quer compreender?

Tendo sido censurado, certa ocasião por tratar demasiada doçura um menino que tinha faltado gravemente ao respeito a sua mãe, respondeu: “Este menino não estava em condições de aproveitar as minhas admoestações, por que a sua má disposição interior o impedia de raciocinar; uma correção áspera, inútil para ele, só me prejudicaria a mim, expondo-me a fazer como aqueles que se afogam, querendo salvar outros”.

Estas palavras do nosso admirável Patrono, manso e sábio educador de corações, quis sublinhá-las para melhor chamarem a vossa atenção e mais facilmente as recordardes.

Em certos casos, poderá ser inútil discorrer com outra pessoa, na presença do culpado, sobre a infelicidade daqueles que, ofendendo a razão e a honra ou, pouco se lhes dá de serem castigados; ou retirar-lhes os sinais ordinários da confiança e amizade. Mas logo que se veja que o culpado necessita de consolação, importa mudar logo de atitude. Graças a Deus, fui muitas vezes bem sucedido com este simples artifício.

Não expor ninguém a ser envergonhado publicamente, a não ser no caso de remédios extremos.

Às vezes será conveniente recorrer a um terceiro bem quisto do culpado, que avise e lhe diga o que vós quereis, mas não vos achais em condições de lhe dizer. Tal pessoa, com quem o aluno pode desabafar as suas penas e abrir o coração mais à vontade do que diante de vós, receando não ser atendido ou, pensando, no seu orgulho, que não é obrigado a submeter-se, tal pessoa ajudá-lo-à a vencer o acanhamento e dispô-lo-à a vir ter convosco.

Sejam estes meios como que os discípulos que Jesus costumava mandar à sua frente, para lhe prepararem o caminho.

Procuremos fazer ver que só pedimos uma sujeição razoável e necessária.

Esforcem-nos por que o culpado se condene por si próprio, nada mais restando ao educador que mitigar a pena que aquele se impusera.

Uma última recomendação, ainda sobre este assunto tão importante. Rendido este caráter inflexível, peço-vos que não só lhe deixes a esperança do vosso perdão, mas também a confiança na possibilidade de apagar com um bom procedimento, a nódoa contraída com as suas faltas.

Procurai deixar ao culpado a esperança do perdão

Há que desfazer a angústia e o temor, motivados pelos castigos, e dirigir uma palavra de conforto. Esquecer e fazer esquecer os dias tristes em que se errou, é suprema arte de bom educador.

Não lemos que o bom Jesus tenha recordado a Madalena os desvarios: e foi com suma e paternal delicadeza que levou S. Pedro a confessar e espiar a sua fraqueza. Semelhantemente, a criança quer ter a certeza de que seus superiores depositam fundada esperança na sua emenda: e sentir a alegria de novamente ser conduzida pela sua mão carinhosa, através do caminho da virtude. Conseguirá mais um olhar de bondade, uma palavra animadora, que lhe encha o coração

de confiança, do que muitas repreensões cujo resultado é comprimir e contrariar a sua expansibilidade. Este sistema tem operado verdadeiras transformações que, sem ele, seriam absolutamente impossíveis.

Seis de alguns dos meus filhos mais diletos, como ele próprios abertamente confessaram, que foram deste modo atraídos para a nossa Congregação e, portanto, para Deus.

Não há nenhum rapaz que não tenha os seus dias críticos como também vós os tivestes. Bem doloroso seria se não procurássemos abreviar tais dias e ajudar a passá-los o melhor possível.

Às vezes só o dar-lhes a perceber que não atribuímos malícia aos seus atos, é quanto basta para impedir novas quedas.

E se são culpados, desejam que se lhes de a entender que se não consideram como tais.

Felizes de nós, se soubermos aproveitar de meio tão eficaz para levantar esses corações atribulados.

Podeis crer, meus caros filhos, que este processo, aparentemente tão comezinho e tão pouco prometedo, tomará mais eficaz o vosso ministério, como atrair ao bom caminho certos corações que eram e seriam, talvez para sempre, considerados incapazes de se corrigirem.

Quais castigos devem ser aplicados e por quem

Mas não se poderá nunca lançar mão de castigos?

Bem sei, queridos filhos, que o próprio Senhor se comparou a uma "vara vigilante" (virga vigilans), para nos afastar do pecado, mesmo pelo temor das penas. Por isso, também nós podemos e devemos adotar sóbria e sabiamente a conduta que Deus quis inculcar-nos com tão significativa imagem. Usemos, pois, essa "vara", mas com inteligência e caridade.

Tenhamos presente que se a força pune o vício, não cura o vicioso. Assim como se não cultiva uma planta tratando com aspereza e violência, assim não é possível educador a vontade sobrecarregando-a com um jugo pesado demais.

Eis alguns castigos que desejaria fossem os únicos a ser usados entre nós.

Um dos meios mais eficazes de repreensão moral é o olhar descontente, severo e triste do superior, que faz sentir ao culpado, por mais duro que seja, o infeliz estado em que se encontra, e pode levá-lo ao arrependimento e à emenda.

Correção privada e paternal: em vez de nos desentranharmos em recriminações, façamo-lhes sentir o desgosto que dá aos pais e a recompensa que o espera, no caso de emenda. Tempo virá em que se à de mostrar reconhecido e até generoso.

Se recair, redobremos a caridade. Passaremos, então, a advertências mais sérias e resolutas. Poderemos, desta forma, com justiça, fazer-lhe ver a diferença entre a nossa atitude para com ele e o modo como corresponde a tanta condescendência, a tanta solicitude para o salvar-mos da desonra e do castigo.

Sejam, porém, banidas as expressões humilhantes, dando-lhe, ao invés, a entender que esperamos muito dele e certificando-o de que estamos prontos a esquecer tudo, uma vez que se decida a portar-se melhor.

Um grave castigo é, por exemplo, a privação do recreio.

Mas nunca se exponha ninguém ao rigor do sol ou das intempéries de modo a resultar daí algum para a saúde.

Grave pode ser também o castigo que consiste em deixar de interrogar um aluno, nas aulas, durante um dia, mas sem se prolongar por mais tempo.

Não faltaram outros meios de levar o aluno a dar satisfação pela sua falta.

Que dizer-vos acerca da cópia de temas corrigidos (pensum)? Tal gênero de castigo não deixa de ser, infelizmente, bastante comum.

Procurei informar-me sobre o que a tal propósito pensam os mais célebres educadores. Se uns aprovam, outros o censuram como coisa inútil e perigosa, tanto para o professor como para o aluno. É esse um ponto que deixo ao vosso critério, advertindo-vos, porém, que no uso de tal castigo o professor tende a cair em excessos, sem que aja resultados positivos, e o aluno toma daí ocasião para murmurar e se arvorar em vítima, digna de ser compadecida, mercê da aparente perseguição por parte do professor. Castigos como esses não reabilitam ninguém e são sempre penosos e mortificantes.

Sei que um dos nossos confrades costumava adotar com fruto esse meio: o estudo de um trecho de poesia sacra ou profana. Por esse meio útil obtinha o objetivo de maior atenção e algum proveito intelectual. Era o caso de dizer que omnia cooperantur in bonum (todas as coisas concorrem para o bem) para os que procuram Deus, sua glória e a salvação das almas. Esse vosso irmão convertia utilizando esse meio; julgo tal coisa uma bênção de Deus, e caso mais único que caro. E o conseguia por que se demonstrava cheio de bondade.

Uma coisa que de forma alguma se pode admitir é o chamado quarto de isolamento ou de reflexão. O vexame e a raiva que tal punição provoca no aluno, fazem-no sofrer profundamente. O demônio sabe tirar daqui motivo para lhe lançar violentamente as garras, e arrastá-lo às maiores loucuras, como para se vingar do autor de tal castigo.

Nos castigos, até agora mencionados, tivemos unicamente em vista as faltas contra a disciplina colegial. Nos casos dolorosos em que algum aluno fosse causa de grave escândalo, seja imediatamente ao superior que, segundo a sua prudência, adotará as medidas que lhe pareçam mais eficazes e oportunas. Mas se alguém se mostrar surdo a esses sábios meios medicinais, e continuar a dar maus exemplos e escândalo, deve ser expulso, sem remissão, tendo, porém, o cuidado de , tanto quanto possível, salvar a sua honra.

Isso conseguir-se-à, aconselhando o aluno a pedir ele mesmo aos pais que o retirem, ou aconselhando diretamente aos pais a mudarem-no para outro colégio, na esperança de que o filho tenha aí melhor comportamento. Um ato de caridade, como este, costuma dar sempre bom resultado e deixa, mesmo em circunstâncias penosas, uma boa impressão tanto nos pais como nos filhos.

Resta-me dizer-vos ainda a quem compete determinar a natureza, o tempo e a modalidade do castigo.

Compete sempre ao diretor, mas de maneira que passe despercebido. Está dentro do seu papel a correção privada, visto que ele, mais facilmente do que ninguém, pode penetrar em certos corações menos sensíveis. Dentro do seu papel está ainda a correção comum e pública; como

também lhe compete a aplicação do castigo, sem que todavia deva ele executá-la ou intimá-la ordinariamente. Desejaria, portanto, que ninguém se julgasse autorizado a castigar sem prévio conselho ou aprovação do diretor, o único, repito, a quem pertence determinar o tempo, o modo e a natureza do castigo.

Ninguém se afasta dessa autorizada dependência, nem tão pouco se procurem pretextos para iludir o seu controle. Não se venha com desculpas para fugir a esta regra, que é da máxima importância. Sede, pois, fiéis a esta recomendação e Deus vos abençoará e consolará, em atenção a vossa docilidade.

Nunca vos esqueçais que a obra educativa se dirige particularmente ao coração, sobre o qual nenhum poder temos, se Deus não for o nosso Mestre e não puser ao nosso dispor as chaves de acesso. Procuremos, pois, de todos os modos, incluindo a inteira dependência a que acabo de aludir, assenhorear-nos dessa cidadela cujas portas jamais se abram a força de rigor.

Tomemo-nos amáveis, insinuemos o sentimento do dever e do santo temor de Deus, e veremos, como por encanto, franquearem-se as portas de tantos corações, unindo-se a nós para cantar os louvores e as bênçãos dAquele que quis tomar-se nosso Modelo, nossa Vida, nosso Exemplo em tudo, mas especialmente na educação da juventude.

Rezai por mim e crede-me sempre no S.C. de Jesus.

29 de janeiro de 1883.

Vosso muito dedicado Pai e Amigo

P. João Bosco

Fonte: MODESTI, João (1984), págs.149-163.

**Departamento de Administração e Supervisão Educacional
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas**

Parecer sobre Trabalho de Conclusão de Curso

Aluna: Eliane Cristina Gozzi Tozzo

Título: A Arte de Educar: sistema educativo elaborado por Dom Bosco

Orientadora: Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Data: 11/07/1999

PARECER SOBRE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente parecer diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna ELIANE CRISTINA GOZZI TOZZO. Intitulado **A Arte de Educar: sistema educativo elaborado por Dom Bosco**, o texto foi elaborado, sob minha orientação, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogia.

Este parecer atende norma regimental segundo a qual os Trabalhos de Conclusão de Curso devem submeter-se a uma Banca Examinadora composta pelo Professor Orientador e por um Segundo Leitor, geralmente escolhido entre o corpo docente da Faculdade de Educação. No presente caso, foi convidado o Prof. Zacarias Pereira Borges, a quem expresse meu agradecimento pelas considerações apresentadas.

O trabalho recupera o ideário pedagógico de Giovanni Melchior Bosco - Dom Bosco. As fontes utilizadas são, com exceção de alguns textos do próprio salesiano, escritos sobre sua atuação pastoral e trabalho pedagógico que priorizam a vertente da fé por ele professada. Para a autora, esta é uma possível causa de *“um certo tom louvatório a Dom Bosco”* (pág. 3). Neste sentido, registre-se o meu testemunho pessoal do empenho de Eliane na busca de referências que lhe dessem condições de focar outros ângulos do ideário do educador embora, como ela mesma assinala, esta procura não tenha sido bem sucedida.

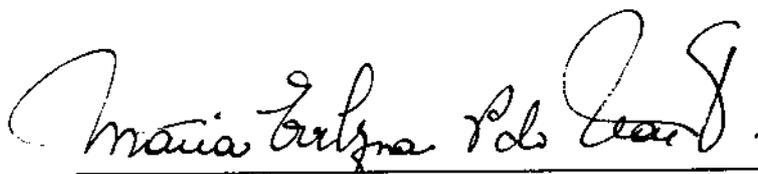
O trabalho está estruturado em quatro tópicos. No primeiro, apresenta-se o contexto histórico da época em que Dom Bosco viveu. Em seguida, sintetiza-se a trajetória de vida pessoal do educador. No terceiro, aborda-se a chegada dos salesianos na América Latina e no Brasil; finalmente, o texto se detém nas concepções educativas do autor enfatizando a prevenção como regra de moralização da infância.

Apresento aqui algumas sugestões para uma possível retomada do tema. Em primeiro lugar, que Eliane procurasse entre em contato com fontes que lhe possibilitassem deixar o autor exprimir-se por seu próprio pensamento.

Em segundo, que a autora procure analisar adequadamente a relação de Dom Bosco com o seu tempo histórico, destacando, eventualmente, a originalidade da sua pedagogia. Finalmente, que promova um maior destaque do material que compõe os anexos em benefício da qualidade final do texto.

Espero que esta convivência profissional e pessoal perture.

Pelo exposto, atribuo nota nove (9,0).



Profa. MARIA EVELYNA POMPEU DO NASCIMENTO
Orientadora



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

Coordenação de Pedagogia - Graduação

Rua Bertrand Russell, 801 - Barão Geraldo/Campinas-SP/Cep: 13081-970

Tel (019) 788-5575 / 788-7751 / FAX 788-5577

E-Mail: coordped@obelix.unicamp.br

PRIMEIRO SEMESTRE 1999

EP809-TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - II

EP809

NOME: Eliane Cristina Gozzi Tozzo

RA: 870350

TITULO: 2º leitor

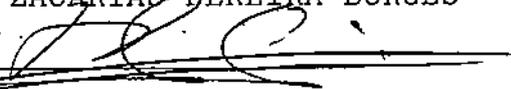
PARECER: "A arte de educar: sistema educativo elaborado por Dom Bosco"

O presente trabalho, apresentado como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia pela autora, e a mim apresentado como segundo leitor me faz considerar o seguinte:

- Trata-se de minucioso estudo da vida e obra de Dom Bosco, baseando-se em diversos estudos sobre o assunto, com a preocupação de relatar a existência e a filosofia de trabalho das casas salesianas.
- A autora escreve de forma precisa e agradável, constituindo o presente trabalho em fonte para quem se interessar em conhecer o assunto, podendo, a partir dele, enveredar-se para uma análise das escolas confessionais, às vezes criadas a partir de princípios filantrópicos, e que, ao correr do tempo tornam-se formadoras dos "formadores de opinião".
- Tenho certeza que a presente obra, a nível de TCC formará conjunto com outras que demonstram o bom nível de nossos alunos, e parabênizo, não somente a autora, mas também a Professora Orientadora pelo trabalho desenvolvido, sugerindo como nota 9 (nove).

NOTA: 9,0

Nome do segundo Leitor: PROF. ZACARIAS FERREIRA BORGES

assinatura do segundo leitor 

DATA: 28/06/1999